

entrevista

ISSN 1676-0336

ATERCEIRIDADE

ANO XIII - Nº25 - AGOSTO DE 2002

SESC
SÃO PAULO



DOM PAULO
EVARISTO ARNS

Envelhecimento

A Morte dos Sonhos ou o Gerenciamento do Tempo?



Viver bem pra mais de cem
SESC

Viver bem pra mais de cem
Meio Ambiente e Sustentabilidade
SESC
CAMPINAS



ATERCEIRIDADE

VOLUME 13 - No. 25 - AGOSTO 2002
Publicação técnica editada pelo SESC
SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

SESC
SÃO PAULO

ISSN 1676-0336

A Terc. Id.	São Paulo	v.13	n.25	p. 1 - 104	ago. 2002
-------------	-----------	------	------	------------	-----------



SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo
Av. Paulista, 119 – 9º andar – CEP 01311-903
Tel. 3179-3570 São Paulo – SP

Diretor do Departamento Regional do SESC/SP
Danilo Santos de Miranda

Superintendente Técnico-Social
Joel Naimayer Padula

Gerente Interino de Estudos e
Programas da Terceira Idade
Antonio Arroyo

Comissão Editorial
Antonio Arroyo (Coordenação)
José Carlos Ferrigno, (Organização)
Lilia Ladislau
Maria Lucia Del Grande
Regina Sodré
Maria Aparecida Ceciliano de Souza
Valter Vicente Sales Filho
Marcos Prado Luchesi
Marcos Ribeiro de Carvalho

Projeto Gráfico
Eron Silva

Equipe: Cristina Tobias, Lourdes Teixeira, Cristina Miras, Euripedis Silva, Marilu Donadelli, Sérgio Afonso, Kelly Santos, Roberta Alves, Daniel Silva.

Fotografias:

Capa, páginas 5,6, 7,8, 16, 22,26, 31, 33, 36, 40, 51, 52, 53, 62, 76, 79, 81, 85 e 104 (superior): Eron Silva.

Contra-capa, páginas 3, 12, 19, 48, 58, 65,73,83,91: Gabriel Cabral.

Páginas 36, 44, 55, 71,103, 104(inferior): Gal Oppido.

Páginas 4, 72, 75, 86, 89, 93, 95, 97,99, 101: Nilton Silva.

Artigos para publicação podem ser enviados para apreciação da comissão editorial, no seguinte endereço: Revista A Terceira Idade Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade (GETI) Av. Paulista, 119 – 9º andar - CEP 01311-903 – Fone: (011) 3179-3570 Fax: (011) 3179-3573 e-mail: ferrigno@paulista.secsp.org.br

A Terceira Idade/Serviço Social do Comércio. ST-Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. Ano 1 n. 1 (set. 1988)- São Paulo: SESC-GETI, 1988-

Quadrimestral
ISSN 1676-0336

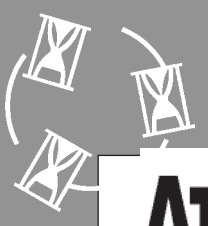
1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-Periódicos I. Serviço Social do Comércio

CDD 362.604

Esta revista está indexada em:

Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP)

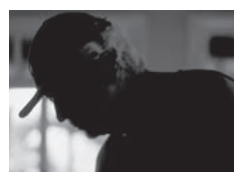
Sumários Correntes de Periódicos Online



TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS: LAZER E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Lilia Ladislau

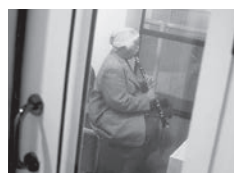
7



VIOLENCIA DOMÉSTICA CONTRA IDOSOS: CAMINHOS PARA IDENTIFICAR EVIDÊNCIAS SUTIS

Maria das Graças Melo Fernandes
Kátia Suênia de Melo Fragoso

27



VELHICE: TEORIAS, CONCEITOS E PRECONCEITOS

Rita de Cássia da Silva Oliveira

37



ENVELHECIMENTO: A MORTE DOS SONHOS OU O GERENCIAMENTO DO TEMPO?

Maria Alves de Toledo Bruns

53



A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA PARA O IDOSO

Teresinha Maria Nelli Silva

63



CORPO E ENVELHECIMENTO

Jubel Raimundo Cardoso

77

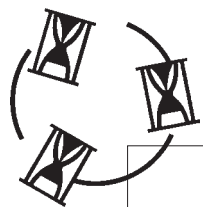


ENTREVISTA

DOM PAULO EVARISTO ARNS

87





APRESENTAÇÃO

Conforme decisão da ONU, realizou-se em Madrid, em abril de 2002, a II Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento. Representantes de governo de 160 países realizaram um balanço dos resultados obtidos a partir das recomendações da I Assembléia, que teve lugar em Viena, no ano de 1982. As conclusões dos debates foram consubstanciadas nos documentos “Plano de Ação Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento 2002” e “Declaração Política”. Neles os governos assumem o compromisso de adotar iniciativas em três perspectivas prioritárias: Idosos e Desenvolvimento; Melhorias na Saúde e no Bem estar da população idosa; e criação de condições favoráveis ao desenvolvimento de uma sociedade para todas as gerações. O Secretário Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, em seu discurso de abertura exortou os governos a envidarem todos os esforços possíveis para “a construção de uma sociedade adequada para as pessoas de todas as idades” e lembrou que “o envelhecimento populacional não é um problema apenas do Primeiro Mundo”.

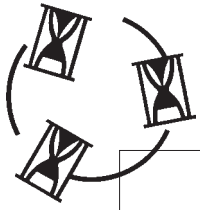
De fato, segundo dados recentemente publicados pela Divisão de Populações das Nações Unidas, o en-



velhecimento da população mundial é espantoso. Em 1950, o percentual de maiores de 60 anos de idade era de 8,2%; em 2000 essa faixa etária alcançou os 10%; e as projeções para 2050 estimam que o planeta abrigará 21,1% de pessoas na chamada Terceira Idade. No Brasil, os índices são semelhantes: em 1950, 4,9%; em

2000, 7,8%; e no ano de 2050, teremos 23,6% de idosos. Ainda segundo a ONU, a expectativa de vida do brasileiro ao nascer tem evoluído de modo bastante expressivo: no período entre 1950 e 1955 era de 50,9 anos; entre 2000 e 2005 tem sido de 68,3; e estima-se que entre 2045 e 2050 a expectativa de vida em nosso país seja de 76,9 anos de idade.

O “O Plano de Ação Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento 2002” destaca como objetivos principais: que os idosos possam desfrutar plenamente de seus direitos humanos; envelheçam de forma segura e fora do alcance da pobreza; participem integralmente da vida eco



nômica, política e social; e tenham a possibilidade de realização em sua idade mais avançada. O documento enfatiza a necessidade de eliminação da violência e da discriminação, a igualdade de gêneros, a importância vital da família, a assistência médica e a proteção social das pessoas idosas.

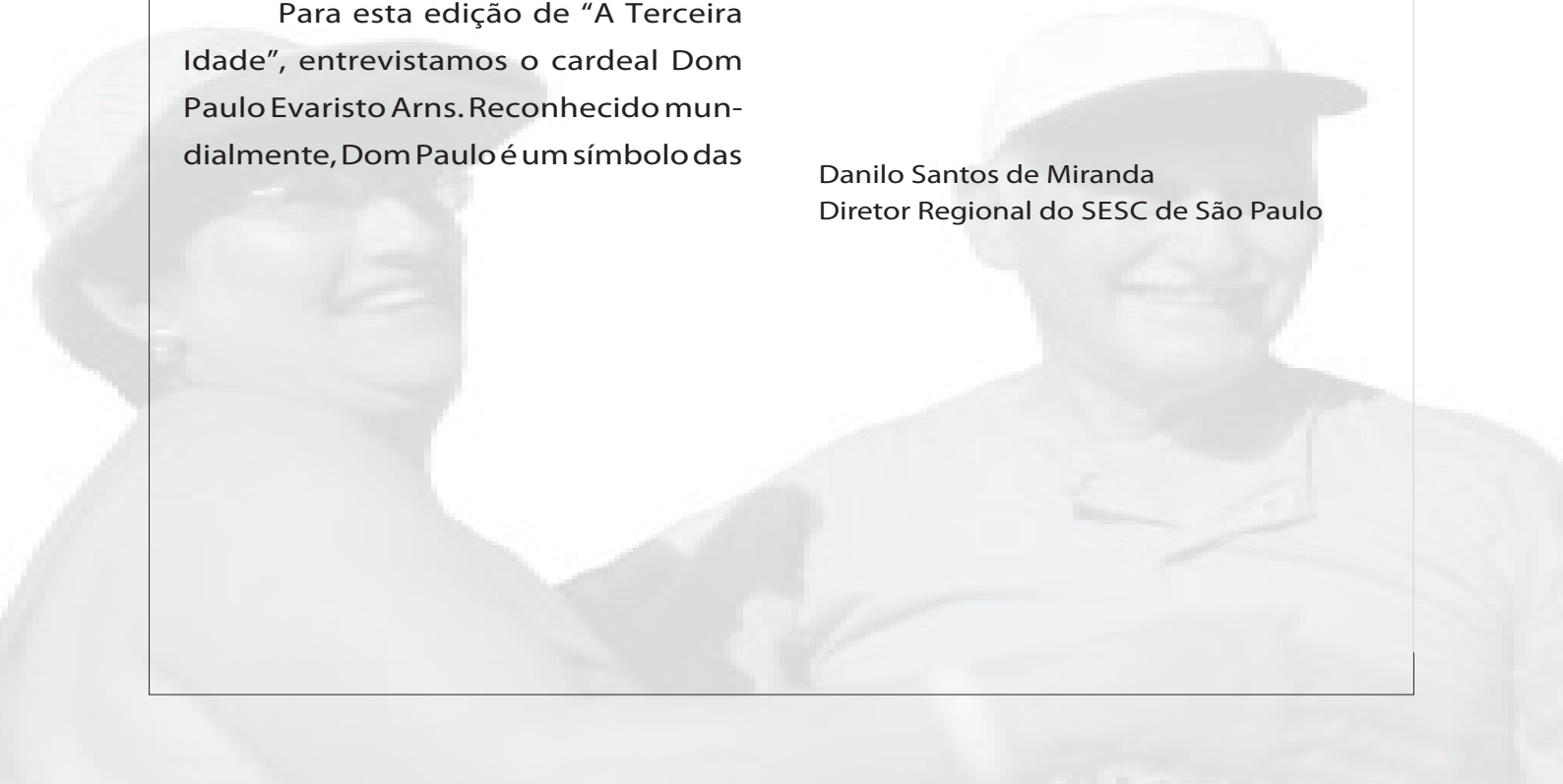
Ainda que uma Assembléia desse tipo não tenha poderes para garantir a efetivação de medidas em prol dos velhos, certamente trata-se de uma iniciativa importante e talvez sua maior conquista seja a de colocar o fenômeno do envelhecimento no centro do debate mundial, incorporando o fator longevidade às políticas de desenvolvimento social e econômico. Esperamos, portanto, colher frutos desse grande evento.

Para esta edição de “A Terceira Idade”, entrevistamos o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Reconhecido mundialmente, Dom Paulo é um símbolo das

lutas pelos direitos humanos e pela justiça social no Brasil, tendo recebido, por isso, aqui e em outros países, centenas de títulos e homenagens. Evidenciando independência de opinião e espírito ecumênico, vem se posicionando com desenvoltura perante questões sensíveis, fazendo ecoar as teses da liberdade de expressão e da dignidade humana. Sensível à questão da velhice, construiu uma casa para abrigar padres idosos.

Aos 81 anos, dono de grande vitalidade, escreve, profere palestras, comanda programas de rádio e assiste crianças e idosos carentes. Um exemplo eloqüente da capacidade de realização na Terceira Idade.

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do SESC de São Paulo



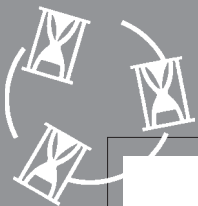




O tempo é futuro
O tempo passa
Tempo de agora
Tempo de agora
Do mês, do tempo
Tempo necessário

COM PALAVRAS

SC
PRETO



Lazer e Participação Social

LILIA LADISLAU

Socióloga, Gerontóloga
e Técnica da Gerência
de Estudos e Programas
da Terceira Idade do
SESC de São Paulo

“A observação da convivência de idosos do SESC comprova que por intermédio de atividades físicas, culturais e artísticas, eles têm aproveitado essas oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e, através do convívio, percebem sua força social. No que diz respeito à qualidade de vida, os idosos foram unânimes em afirmar que obtiveram melhoras tanto no aspecto físico, com a prática de esportes e ginástica, como no psicológico, melhorando suas relações interpessoais”.



INTRODUÇÃO

Ao abordar a questão do idoso no Brasil estou lidando com uma preocupação mundial em decorrência do aumento expressivo da população idosa na maioria das nações. O despreparo da sociedade moderna para acolher essa faixa etária tem provocado a marginalização do idoso, reforçada pelo afastamento da produção, e pelo baixo poder de consumo dos indivíduos mais velhos.

A partir da constatação da necessidade de se criar espaços e condições em que essas pessoas pudessem exercer o direito de participação, percebendo a velhice sob outro prisma, o SESC de São Paulo criou o programa “Trabalho Social com Idosos” com o intuito de harmonizar a relação indivíduo idoso e meio ambiente através de atividades educativas nas áreas de saúde, lazer e cultura.

Muitos dos que chegam à velhice se defrontam com a pobreza, o preconceito e a fraqueza do corpo. Partindo de uma reflexão sobre a velhice pode-se redimensionar o entendimento não apenas do velho, mas do ser humano contextualizado na sociedade contemporânea.

A sociedade cria formas de ocultar as questões mais incômodas, escamoteando a essência dos problemas que não consegue tratar com seriedade e lucidez, empregando denominações diversas para suavizar o peso com que terminologicamente se apresentam. Que parâmetros são estabelecidos para

distinguir velho, idoso ou Terceira Idade? Sob essas máscaras guardamos o que não somos capazes de entender ou facilmente nos livramos dos traumas que essa posição pode nos deixar. Do “velho” queremos nos livrar, para com tolerância “suportar” o “idoso” que em alguns momentos de sua trajetória é “promovido” à Terceira Idade. É sob a égide da discriminação que encontramos hoje a população idosa do Brasil. Por isso, é urgente avançarmos por caminhos que contribuam para o combate ao preconceito direcionados aos mais velhos.

Neste artigo me proponho refletir sobre a atuação do Serviço Social do Comércio, através do seu trabalho voltado para a Terceira Idade, na vida dos idosos que o integram. Escolho questões referentes à marginalização social, aposentadoria, lazer e educação para serem discutidas segundo a ótica de diversos autores. Alguns idosos foram ouvidos com a intenção de avaliar o papel das atividades desenvolvidas na entidade.

“Pouco importa, venha a velhice, que é a velhice?”

(Andrade, 1982)

“O homem velho deixa a vida
e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo
e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o
mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais” ...



(O homem velho - Caetano Veloso)

Inicialmente, é necessário estabelecer uma relação entre o idoso e o contexto social em que se insere, evitando conceituar a velhice apenas como um fragmento da existência humana. Ao contrário, devemos tentar compreender as condições de vida desse grande contingente da população.

A marginalização do idoso ocorre tanto na esfera doméstica quanto em outros espaços sociais. A opinião do velho não é respeitada no âmbito familiar, sua voz não é ouvida e sua presença incomoda. A cidade tenta disfarçar sua existência na profusão de estímulos visuais e no apelo para que se observe o novo, mas é sobre ela que intermináveis filas de aposentados perturbam a (des)organização urbana e seguem gratuitamente transportados nos coletivos, silenciados por essa “gradidão” e pela indiferença que os anula.

O “novo” se superpõe ao “velho” no sentido da inutilidade social. Por isso, o que buscamos explicar na velhice não está em si mesma, e sim na relação que estabelece o modo de produção econômica e cultural como determinante do percurso que conduzirá o indivíduo do princípio ao fim de sua vida, expressando na velhice a condição de trabalhador explorado e oprimido ao longo do tempo e não simplesmente o reflexo do tempo impresso no Homem. Simone de Beauvoir manifesta essa mesma idéia ao dizer “se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido

da vida presente, é porque em todo o tempo o sentido da vida lhe foi roubado”.

(BEAUVOIR, 1990).

Os valores determinados pela exploração e dominação são incorporados pelos velhos, originando um comportamento conformista: “É assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços... prá que serve um velho?” (BOSI, 1987).

Desde os nossos primeiros anos de vida somos condicionados a certos pontos de vista, a encarar certos fatos como normais ou naturais, ao invés de produtos derivados de uma determinada ordem sócio-econômica. “As diversas instituições do sistema social se encarregam de veicular e defender uma ideologia que é conveniente aos interesses da classe dominante e que oculta as relações de dominação e de exploração característica de uma sociedade como a nossa” (FERRIGNO, 1991). No mesmo sentido afirma Ecléa Bosi que: “A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações” (BOSI, 1987).

Para Dirceu Magalhães a marginalização da velhice é conseqüência do modelo concentrador de renda e de oportunidades de trabalho no qual a distribuição da velhice por classes e grupos sociais mostra o perfil equivalente da concentração da riqueza e do poder em nosso país. No meio rural e na periferia urbana estão os velhos excluídos, anônimos e marginalizados. Nas classes médias encontramos o



isolamento, a perda de papéis familiares e de trabalho, associados a perdas de poder aquisitivo não compensados pela aposentadoria (MAGALHÃES, 1986).

O posicionamento do SESC frente ao fenômeno da marginalização está expresso em seus documentos como uma preocupação das instituições, voltadas para o bem estar social, que "busca em suas ações prevenir a marginalização social dos idosos decorrente da perda de papéis e funções, a diminuição do grupo de convívio, a ausência de responsabilidade através da ação educativa" (ASSIS, 1979).

Pesquisas desenvolvidas pelo SESC junto aos grupos de idosos, possibilitaram que se detectasse a realidade vivenciada pela grande maioria da população idosa, expressa pelas

seguintes características:

- Baixo nível de remuneração agravado pela aposentadoria;
- Deficiência de programas médico-sanitários para essa faixa etária;
- Inexistência de condições que favoreçam a permanência de idosos doentes/dependentes em seus domicílios, para que se evite o excesso de internações;
- Falta de programas de preparação para aposentadoria;
- Falta de programas de lazer que proporcionem uma adequada utilização do tempo livre (VASCONCELOS, 1982).

Quando genericamente falamos da aposentadoria destacamos dois aspectos: a



aposentadoria como instituição e o “tempo da aposentadoria”.

Os sistemas de aposentadoria surgiram na maioria dos países há meio século e foram aprimorados apenas nas últimas décadas. “Constituído originalmente como um mecanismo de assistência, por solicitação voluntária, tais sistemas têm-se desenvolvido cada vez mais como um direito do trabalhador. Como contrapartida de uma contribuição obrigatória durante todo o período ativo, fica assegurada uma renda vitalícia que garante a subsistência após a vida funcional” (SALGADO, 1980). Inicialmente, as questões mais diretamente ligadas a esses sistemas eram o auxílio à doença, o desemprego e a morte.

No final do século XIX, com as profundas modificações econômicas e os problemas criados pelas concentrações urbanas, consequências da Revolução Industrial, a base social representada pela família sofreu uma desestruturação moral e econômica, agravada pelo progressivo isolamento do indivíduo, impossibilitando que a tranquilidade da velhice fosse assegurada pelo grupo familiar e transferindo essa incumbência ao sistema social.

No trabalho assalariado a remuneração passou a ser feita por um tempo de ação e não mais por uma tarefa específica. O pagamento dos salários, que anteriormente eram efetuados diretamente por uma pessoa, passa a ser feito por uma instituição. A aposentadoria tem uma relação direta com a produtividade que exige a renovação dos trabalhadores não

adaptados a novas técnicas e procedimentos. A aposentadoria se constitui, portanto, em uma forma de produzir a rotatividade no trabalho pela troca de gerações, permitindo aos jovens o acesso a uma atividade remunerada; para isso intensificam as lutas por melhores condições de aposentadoria como forma de atrair os trabalhadores para a inatividade. “A política da aposentadoria acabou por criar um novo valor social, considerando que os homens após determinada idade, devem abandonar as atividades produtivas, garantindo-lhes o direito de serem mantidos financeiramente pelo sistema” (SALGADO, 1980).

Ana Fraiman considera a aposentadoria uma instituição implacável, atingindo a todos os trabalhadores naquilo que cultural e socialmente temos como valor central: o trabalho produtivo e economicamente rentável. Ainda na condição de instituição social, a aposentadoria figura como direito conquistado que deve assegurar aos indivíduos uma renda permanente para a manutenção do nível de vida. A mesma autora elabora a idéia de que a aposentadoria contém vários significados e os classifica em:

- Desejados : liberdade, usufruto, resgate;
- Abominados: tempo de exclusão, perdas, dependência;
- Previstos Positivos: liberação do trabalho, tempo de lazer, desenvolvimento pessoal;
- Previstos Negativos: isolamento social, doença, depressão, suicídio, alcoolismo, morte;



• Imprevistos: desde a viuvez até ganhar na loteria, desde a desestruturação até a reconstrução de um novo viver (FRAIMAN, 1986).

Explicar a aposentadoria apenas como direito é negar a história no âmbito da exploração, da produtividade do trabalho alienante, que preenche o indivíduo ao longo de toda sua existência. No entanto, a tendência do sistema é de negar a condição de vida do trabalhador e depositar na aposentadoria a função de compensação ao mundo do trabalho; propiciando cada vez mais um distanciamento entre a vida de trabalho e o “sonho” do não-trabalho.

Hélène de Reboul encontra na legislação a determinação da velhice a partir da aposentadoria, que é definida como “direito ao repouso” após uma vida dura de trabalho, para permitir a cada trabalhador “um final de vida feliz”. A autora comprova que esta falsa idéia sobre a aposentadoria atinge a maioria dos idosos que ela observa (que acompanhei também), e que gera uma grande decepção (REBOUL, 1973).

Qualquer roupagem sob a qual se disfarça a aposentadoria, quer sob a expressão do paternalismo estatal, quer sob a revelação da magnanimidade da classe dominante, quer sob o “merecimento” para que a exploração do trabalho seja suportada, ou ainda quer sob o fruto da luta de trabalhadores organizados, é inegável o surgimento de um “novo” tempo na vida dos que a atingem.

Julgo estar aqui o outro aspecto relevante desse tópico. O que significa para a população idosa “o tempo da aposentadoria”? Com cer-

teza a primeira resposta será: um tempo de contradições estabelecidas no duplo sentido da ocupação do mesmo. Um tempo de fazer nada ou um tempo de tudo fazer. Considerando ambas as possibilidades, Marcelo Salgado ressalta a importância desse tempo no processo de envelhecimento, porque exige um tratamento conveniente pelo seu aspecto de modificações estruturais que pode trazer à vida dos indivíduos e conseqüentemente à sua relação com o meio (Salgado, 1980). Além de que, a aposentadoria provoca alterações no equilíbrio entre vários fatores interligados, reforçando o caráter contraditório identificados na aparente possibilidade de ser um tempo de ganhos e legitimamente acarretar perdas.

Ganha-se tempo, a desobrigação do trabalho forçado, a autonomia, a chance de resgatar desejos adormecidos e talentos reprimidos, porém perde-se a função na escala da produção, perde-se o status social. O poder econômico é reduzido em grande parte, perde-se papéis sociais na hierarquia do lar; só não é perdido o que não foi possível construir ao longo dos anos de trabalho: o direito de igualdade entre os homens.

Aproximando esse cenário do nosso cotidiano sabemos que a ele ainda se somam a necessidade que tem o aposentado de realizar tarefas remuneradas no tempo da aposentadoria como forma de minimizar o vazio causado na renda familiar, e a necessidade de uma maior atenção à saúde da maioria, que já se encontra comprometida com danos trazidos pela idade



e pelas histórias de vida e trabalho.

Na nossa sociedade o fato do homem adquirir um tempo que não seja o da “produção” o faz marginal, tornando irônico o conselho de alguns quando dizem ao aposentado: “proveite a vida”. Como, se nunca teve oportunidade de aprender isso!? E, agora na velhice, com que dinheiro, saúde e estímulo empreender essa busca?

Somam-se às dificuldades financeiras dos idosos a ausência de uma política de ocupação do tempo livre. O desenvolvimento urbano tende a priorizar os espaços que viabilizem o “desenvolvimento rápido” em detrimento de um modelo que inclua a necessidade da sobrevivência dos idosos. Tal quadro tende a se manter, entre outros fatores, porque a maioria dos idosos menospreza atividades de lazer, pela influência de uma sociedade que supervaloriza o trabalho. Assim, podemos entender a contradição que se verifica entre o tempo disponível, fruto da aposentadoria, e a prática efetiva do lazer.

Encontramos depoimentos de diversos pesquisadores, apontando o lazer como possibilidade de se estabelecer uma ponte que permita ao idoso reatar as relações com o mundo através do enfoque dado ao tempo livre.

Na abordagem de Dumazedier sobre o lazer estão implícitas duas formas de entendimento quanto à atitude e quanto ao tempo. A primeira caracteriza o lazer como estilo de vida independente de um tempo determinado, ressaltando a satisfação que a atividade deve

provocar (trabalho poderá ser considerado nessa dimensão). A segunda introduz o critério de tempo como uma variável determinante, isto é, a prática do lazer só se realiza num tempo específico que não se confunde com o tempo dedicado ao trabalho ou à prática de outras responsabilidades sociais e profissionais. É sobre esse segundo aspecto que o autor faz uma diferenciação entre tempo de trabalho, tempo liberado e tempo livre, identificando neste último a possibilidade da real prática do lazer (DUMAZEDIER, 1974).

Segundo Marcellino, esta conceituação está sujeita a distorções, uma vez que a pessoa pode num certo período de tempo desenvolver mais de uma atividade, por exemplo ouvir música enquanto trabalha. Além disso, tempo algum pode ser considerado livre de coações ou de normas de conduta social. Talvez fosse mais correto falar em tempo disponível, ao invés de tempo livre.

A abordagem funcionalista interpreta o lazer como mantenedor da ordem e da paz social, traduzido nas visões:

- Compensatória: que reveste o lazer de uma posição contrária ao trabalho, em que o lazer compensa a insatisfação e a alienação do trabalho;
- Romântica: que encara o lazer como a possibilidade de recuperar valores tradicionais;
- Moralista: que apresenta o desenvolvimento do lazer como contraditório, pois além de incorporar modelos externos cria modelos de consumo com riscos de alienação ou perda dos padrões tradicionais;



• Utilitarista: que estabelece ao lazer a função de recuperar nos indivíduos a força de trabalho (MARCELLINO, 1983).

Todavia, no universo das pessoas aposentadas, as colocações definidoras do lazer tornam-se menos precisas, em virtude da própria dificuldade de caracterizar tempos diferentes para o cumprimento de compromissos ou necessidades para o tempo de lazer (SALGADO, 1980).

Imbuída da certeza de que outros critérios são superiores na identificação do lazer para os idosos, adotarei para o lazer a definição de Marcellino que o considera “como cultura-compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível. Fundamental como



traço definidor é o caráter desinteressado dessa vivência; não se busca outra recompensa além do prazer provocado pela situação. A disponibilidade de tempo significa a possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa” (MARCELLINO, 1983).

Que sentido tem para o idoso qualquer proposta que não esteja assentada sobre as bases da opção pessoal, do caráter desinteressado e da busca do prazer? Parece-me desnecessário repassar todo o trajeto percorrido para estabelecer a necessidade do lazer a essa faixa etária.

A proposta do SESC/SP de criar grupos de convivência para o idoso, estruturada em atividades de lazer, pode garantir não só o seu valor perpetuado no tempo com a criação do primeiro grupo, como também o seu espaço, que tem proporcionado desenvolver o potencial criativo e inovador de seus participantes.

Dessa forma o lazer assume uma dimensão diferenciada, para o idoso que o incorporou, muito mais do que a simples ocupação do tempo livre. “Pelas condições de vida, pelos próprios traumas ocasionados por lutos ou perdas, pela precariedade do que resta em termos funcionais, o lazer assume para os idosos uma significação existencial” (MARCELLINO, 1983).

O que se constata nesse contexto é a necessidade de se apoiar no lazer como possibilidade de sentir prazer como o eixo central das atividades propostas, e através delas buscar as transformações desejadas. É na maneira como encaramos o lazer, e participamos dele, que está a determinação do seu sentido. Nesta ótica,

Dirceu Magalhães nos traz a dimensão exata do limite entre o lazer como preenchimento do tempo, e o lazer como um novo sentido para a existência do idoso: “Assim os idosos destinados a uma atividade permanente de brinquedos e brincadeiras transmitem-nos uma sensação de grotesco (...). Encarando-os apenas como Homo Ludens parece-me muitas vezes que estamos brincando com os idosos como se fossem crianças, o que nos dá uma sensação de alienadores da real densidade de seu patrimônio sócio-cultural, ao longo de uma existência de aprendizado”.

O autor nos alerta que saber discernir quando e de que forma essa experiência pode dar nova significação ao trabalho sócio-funcional, e não apenas uma nova modalidade de preencher “o vazio de sua existência”, é fundamental ao trabalho dos que pretendem recuperá-los para uma participação útil e digna da sua existência (MAGALHÃES, 1986).

O Trabalho Social com Idosos do SESC atenta para esses dois pontos aqui realçados, ou seja, uma visão integrada do lazer, o prazer como ingrediente básico, e a possibilidade de intervenção social através do seu exercício.

Reportando-nos ao surgimento do primeiro grupo de idosos do SESC/SP, a partir do qual se implantou o Trabalho Social com Idosos na entidade, constatamos a noção de prazer como essência deste trabalho. A partir de um grupo de comerciários aposentados que frequentavam o SESC Carmo, no centro da cidade de São Paulo, no ano de 1963, o SESC sentiu a



necessidade, a possibilidade de começar um trabalho social através de atividades de lazer que preenchassem o “tempo disponível” desses freqüentadores.

Nesse sentido, é necessário refletir sobre o conceito de Educação Permanente e sua aplicação ao Trabalho Social com Idosos do SESC. Para entender essa questão é fundamental fazer uma revisão sobre os dois aspectos educativos do lazer: a educação pelo lazer e a educação para o lazer. Quanto ao primeiro, Marcellino alerta para a consideração sobre as potencialidades do lazer no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, quando não só o prazer seja privilegiado, como também a contribuição que o lazer oferece para a compreensão da realidade, efetivando assim, o desenvolvimento pessoal como complementar ao social, na medida em que o reconhecimento das responsabilidades sociais e os sentimentos de solidariedade formam o universo mais amplo sobre o qual o lazer deve ser desenvolvido (MARCELLINO, 1987).

Quanto ao segundo aspecto o mesmo autor nos remete à Requiça, que afirma ser possível educar pela prática do lazer, como também reconhece a importância de se educar para o lazer. Argumenta que, neste caso, o exercício do lazer será o melhor estímulo educativo para o próprio lazer (REQUIXA, 1980). Em ambas as situações é preciso estar atento aos riscos que essas considerações acarretam. No aspecto da educação pelo lazer há uma tendência “compensatória”, que se soma à visão utilitarista do

lazer decorrente do modelo funcionalista. No que tange ao universo da educação para o lazer, a ameaça pode advir pela influência da indústria cultural, que tende a gerar necessidades padronizadas para facilitar o consumo (MARCELLINO, 1987).

Ainda segundo Marcellino, só tem sentido falar em aspectos educativos do lazer, se este for considerado como um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, e contribua para uma nova ordem moral e intelectual que favoreça mudanças no plano social (MARCELLINO, 1987).

Na perspectiva da educação pelo lazer alguns autores relacionam “Educação Permanente” com visão compensatória, na medida em que a ela são atribuídos valores que podem viabilizar o lazer como veículo de educação, enquanto que o valor da escola no processo educativo é relativizado ou negado (MARCELLINO, 1987).

Sob esse prisma a “Educação Permanente” aparece também como um instrumento de desenvolvimento cultural, através da animação sócio-cultural, que segundo Requiça é “o esforço de indivíduos de diferentes grupos sociais e do Estado para organizar uma vida social e cultural, cuja ação deve se desenvolver particularmente no tempo livre. Suas funções podem compreender a adaptação e a integração social destinadas a superar os desequilíbrios e conflitos provocados pelas transformações sociais, culturais, tecnológicas etc., e principalmente o desenvolvimento cultural, aqui entendido





como uma mudança julgada positiva na perspectiva de democratização da cultura e de melhoria da qualidade de vida para todos os estratos sociais, categorias de idade, de sexo etc.” (REQUIXA, 1980).

Na visão compensatória do lazer, segundo Marcellino, encontramos ainda a “Educação Permanente” entendida como “educação de adulto”, na medida em que é baseada na informalidade, na espontaneidade, onde a sua procura é sedimentada na motivação, na crença de que o interesse do adulto pela educação é espontâneo, inverso do que ocorre com a criança (MARCELLINO, 1987).

Ao procurarmos como a Educação Permanente se situa no Trabalho Social com Idosos do SESC, nos deparamos com abordagens que redimensionam o sentido da Educação Permanente, propiciam um afastamento do enfoque “compensatório” do lazer e possibilitam um melhor entendimento da mesma no campo do Trabalho Social com Idosos.

Segundo a psicóloga Raquel Vieira da Cunha, “um dos objetivos da Educação Permanente é o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Ela lhe abrirá novos horizontes, dando-lhes condições para experimentar maior liberdade interior e exterior e para expressar sua personalidade de forma mais autônoma e mais autêntica. A pessoa em condições de se relacionar consigo mesma, que se aceita como amiga apesar de suas falhas e imperfeições, é também uma pessoa capaz de aceitar e respeitar os

demais e de se relacionar significativamente com os outros e com o mundo” (CUNHA, 1980). Segundo a mesma autora, Carl Rogers afirma que a aprendizagem socialmente mais funcional no mundo de hoje é aquela que permite estar aberto continuamente às experiências e estar disposto a trabalhar sobre os processos de mudança através do diálogo franco e do questionamento constante (CUNHA, 1980).

A partir de negações Marília L. Washington define: “Educação Permanente não é educação de adultos, não é profissionalização intensiva, não é educação extra-escolar, não é reciclagem, não é ensino supletivo, não é busca de diplomas, não é educação de grupos marginalizados, não é educação popular, muito embora todas essas atividades mencionadas possam compor um programa de Educação Permanente” (WASHIGTON, 1980).

As afirmações acima podem nos apontar a Educação Permanente, no âmbito do Trabalho Social com Idosos, como uma possibilidade de capacitação do indivíduo para participar no processo de transformação social, servindo assim como uma ponte de atualização e de novas descobertas. Segundo Marcelo Salgado, “pode-se dizer que a Educação Permanente se constitui numa proposta à terceira fase da vida, quando contribui efetivamente para a descoberta de novos interesses, novas habilidades e propicia inclusive a reformulação de planos de vida, nos quais os idosos se situam como pessoas participantes e capazes de contribuir para a solução de alguns problemas quer do



seu grupo familiar, quer das comunidades das quais fazem parte”.(SALGADO, 1980)

A observação sobre a convivência de idosos do SESC comprova que por intermédio de atividades físicas, culturais e artísticas, eles têm aproveitado essas oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e, através do convívio, percebem sua força social. Tal constatação nos mostra que esse caminho, que utilizamos para atingir os aspectos educativos do lazer, segundo Marcellino além de os capacitar para a participação cultural, uma das bases para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade (MARCELLINO, 1987), pode ainda ser ampliado na medida em que aumenta o grau de informação dos sujeitos envolvidos.

Fernando Henrique Cardoso afirma que o primeiro passo, para que se possa fazer algo mais sólido na direção da participação, é aumentar o grau de informação. Para isto o primeiro requisito a uma real participação é a perda do poder dos núcleos centrais, graças aos mecanismos de informação (CARDOSO, 1985). Assim, através de atividades de lazer estimular a participação de um grupo de pessoas, que viveram passivamente durante sessenta anos ou mais, é também propiciar oportunidades de informação que contribuam para o exercício da cidadania (MARCELLINO, 1986).

“Tu és a história que narraste, não o simples narrador”

(ANDRADE, 1982)

“O velho escapa ao fastio de um excessivo lazer povoando-o de tarefas, de exigências que se traduzem para ele em obrigação; evita assim, fazer-se a angustiante pergunta: Que fazer? A cada instante ele tem o que fazer”... (BEAUVOIR, 1990).

A seguir apresento alguns depoimentos de idosos que freqüentam atividades no SESC Campinas:

“Ai de nós se não fosse o SESC. Ele para mim é tudo! A minha segunda casa é aqui. Venho aqui de terça à sexta-feira. Sinto muito prazer em vir aqui. Jogo bochinha, a satisfação que tenho conta lá em casa. Prá nós é uma diversão, além de passar o tempo. Não faço nada contrariado” (Julian Camilo, 72 anos).

“O SESC ocupa uma grande parte da vida da gente. Isto aqui é um descanso mental. Antes não tinha jeito de eu me entrosar com as pessoas, agora tenho. Participo do vôlei, venho aqui terça e quinta-feira. O trabalho com idosos mudou bastante a minha vida; o modo da gente se relacionar com as pessoas melhorou e até o estado emocional melhorou. Aqui tem tudo de bom. Não tenho nada para reclamar!” (Benedita da Silva, 59 anos).

“Acho esse trabalho do SESC muito bom. A minha qualidade de vida melhorou muito depois que eu vim para o SESC. Há 20 anos freqüento o SESC, fui uma das pioneiras. Hoje participo do coral, dos bailinhos e da Escola



Aberta. Procuo me distrair e aproveitar o que a vida tem de bom. É preciso dar para o idoso aquilo que ele não teve quando era mais moço, que são esses grupos de entretenimento e cultura.” (Zuleika Miller, 72 anos).

“Depois que comecei a freqüentar o SESC aumentou o meu círculo de amizades. Acho esse trabalho muito interessante, porque tem pessoas que se aposentam e acham que porque se aposentaram estão esperando para morrer. Chegando aqui vão ver que não é nada disso. Têm pessoas que acham que o SESC depende do idoso, eu acho que é o idoso que depende do SESC. Discordo que o idoso deva ser dirigido pelo idoso, porque a vida é como uma corrida

de revezamento, você tem que passar o bastão. Por isso essa direção está certa!” (Osvaldo Macedo, 70 anos).

“Os aposentados, em Campinas, já não se sentem parasitas e sem nenhum interesse, pois agora temos onde e como passar o tempo. Não mais precisamos ficar pensando em como preencher nossas horas ao longo dos dias. O mais importante para mim foram os amigos que aqui encontrei, formando uma segunda família” (Oscar Minguzzi, 59 anos – depoimento colhido em 1977).

“Melhorou muito o estado da gente, a distração melhorou a parte do cérebro. A gente tem onde ir. Prefiro vir aqui do que ir à



cidade. Freqüento aqui há 20 anos. Adoro isso aqui. No início do Trabalho Social com Idosos eu fazia ginástica, depois tive um problema na rótula. Participei de shows no palco, fiz parte da diretoria. Me sinto melhor sob todos os pontos de vista. Venho aqui porque gosto, saio daqui satisfeito". (Oscar Minguzzi, 79 anos, o mesmo depoente 20 anos depois – depoimento colhido em 1997).

"O SESC é uma das coisas melhores que existe neste nosso país. O que seria dessas pessoas de mais idade senão existisse essa abertura do SESC. Acho maravilhoso. Quando a gente não tem dinheiro para comprar livros, quando não tem carro para passear, deve arranjar maneiras de se distrair. Já viajei muitas vezes à Bertioga, faço ioga sem gastar dinheiro. Todas essas vantagens o SESC nos oferece." (Martha Onofri, 60 anos).

"O SESC veio acrescentar no meu caráter um pouquinho mais de ânimo; veio engrandecer o meu ego e está ajudando muito na minha vida pessoal e social. Eu queria só que as pessoas tivessem mais dinamismo. O relacionamento do grupo hoje está melhor. Já estive muito pior com discussões, fuxicos; muitas pessoas saíram por não se adaptarem, mas está melhorando muito." (Helena, 77 anos).

"Me sinto como se tivesse na minha casa, completamente à vontade. A semana que não venho aqui já parece que falta alguma coisa. A gente se sente muito bem aqui!" (Carlos Massa, 64 anos).

CONCLUSÃO

No decorrer desta investigação o que me impulsionou a vencer cada etapa proposta foi a de, ao buscar um entendimento da velhice a partir de um certo contexto, ampliar a minha percepção da realidade. Concordo com Simone Beauvoir quando diz: "A sociedade pré-fabrica a condição mutilada e miserável que é o quinhão deles na última idade." (BEAUVOIR, 1990)

Investigar a condição do velho na sociedade brasileira e analisar o Trabalho Social com Idosos do SESC, são componentes da tarefa de avaliar possíveis formas de ação transformadora do cenário do envelhecimento. Buscando pertencer à "comunidade do destino", que faz do observador alguém próximo das vivências dos idosos segundo Ecléa Bosi, procurei reproduzir a fala dos idosos com a maior fidelidade possível; "a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda" (BOSI, 1987), deixando que ela por si só, tornasse transparente o objetivo desse estudo: o papel do Trabalho Social com Idosos na vida de seus integrantes.

A unanimidade de opiniões afirmando que o SESC aparece como continuidade do lar, nos sugere uma identificação positiva com um espaço acolhedor e prazeroso. O fato do Trabalho Social com Idosos estar sedimentado em atividades de lazer permite o enfoque da "educação pelo lazer" de que fala Marcellino, o que é animador do ponto de vista da pers-



pectiva do crescimento humano.

No que diz respeito à qualidade de vida, os idosos foram unânimes em afirmar que obtiveram melhoras tanto no aspecto físico, com a prática de esportes e ginástica, como no psicológico, melhorando suas relações interpessoais dentro e fora do SESC.

Espero que estas reflexões interfiram não somente no universo pesquisado, mas também em outros setores da sociedade, contribuindo para melhorar a atual situação do idoso brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Os ombros suportam o mundo. In: Antologia poética. São Paulo: Abril, 1982.
- ASSIS, Darnício de. Trabalho social com idosos no SESC de São Paulo: realizações e perspectivas. Cadernos da Terceira Idade, São Paulo, n. 4, p. 37-39, ago. 1979.
- ATTIAS, DONFUT, Claudine. Seminário de Estudos sobre a Terceira Idade: Anais. Cadernos da Terceira Idade, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 1-52, fev. 1979 e v. 3, n. 2, p. 1-54, mar. 1979.
- BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BÓSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BRUYNE, Paul et. al. Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CAMARGO, Luís O. de L. – O que é lazer. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARDOSO, Fernando H. - A Democracia Necessária. Campinas: Papirus, 1985.
- CUNHA, Raquel Vieira da - Educação permanente como perspectiva da integração social do idoso. Cadernos da Terceira Idade, São Paulo, n. 6, p.7-8, 1980.
- DUMAZEDIER, Joffre - Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1974.



- FERNANDES, Flavio da S. - Movimento Tempos: nova opção para o idoso. Cadernos da Terceira Idade. São Paulo, n. 1, p. 11-18, abr. 1977.
- FERRIGNO, José Carlos – Trabalho, aposentadoria e alienação social. A Terceira Idade, São Paulo, v.2, n.2, p. 9-15, out. 1989.
- FRAIMAN, Ana P. - Coisas da idade. São Paulo: Cortez, 1986.
- HADDAD, Eneida G. de Macedo - A ideologia da velhice. São Paulo: Cortez, 1986.
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira - A invenção social da velhice. Rio de Janeiro: Papagaio, 1986.
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira - Imagem da velhice: algumas reflexões. Boletim Intercâmbio. Rio de Janeiro. v. 5, n. 26, p. 5-19, 1986.
- MARCELLINO, Nelson C. - Lazer e educação. Campinas: Papyrus, 1987.
- _____. Lazer e humanização. Campinas: Papyrus, 1983.
- _____. Lazer: animação e participação cultural. Comunicarte, Campinas, v.4, n.8, 1986.
- _____. Perspectiva para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia. Correio Popular de Campinas, 1987.
- MOTTA, Edith M. Reflexos da aposentadoria sobre a questão social do idoso. Cadernos da Terceira Idade, São Paulo, n.7, p. 7-11, 1981.
- PARKER, Stanley - A Sociologia do lazer. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PRETI, Dino. A linguagem dos idosos. São Paulo: Contexto, 1991.
- QUEIROZ, Zally Pinto Vasconcellos de. Os Idosos: uma categoria etária no Brasil. Cadernos da Terceira Idade, São Paulo, n.10, p. 17-31, 1982.
- REBOUL, Hélène. Vieillir, project pour vivre. Cadernos da Terceira Idade, São Paulo, n.6, p. 29-31, 1980.
- REQUIXA, Renato. Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer. São Paulo: SESC, 1980.
- SALGADO, Marcelo A. - Velhice, uma nova questão social. São Paulo: SESC, 1980.
- SAVIANI, Demerval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1980.
- WASHIGTON, Marília L. Educação permanente na 3ª idade. Cadernos da Terceira Idade., São Paulo, n.6, p. 13-15, 1980.



Violência Doméstica

MARIA DAS GRAÇAS
MELO FERNANDES

Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Doutoranda em Ciências da Saúde. Professora do Depto. de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Universidade Federal da Paraíba.

KÁTIA SUÊNIA
DE MELO FRAGOSO

Estudante do curso de Graduação de Farmácia
da Universidade Federal da Paraíba.

Contra Idosos: Caminhos para Identificar Evidências Sutis.

“No Brasil, somente os casos extremos de maus-tratos dirigidos aos idosos chegam ao conhecimento geral pelos meios de comunicação. A grande maioria fica oculta no seio da família ou das instituições de abrigo. O despreparo dos profissionais e a carência de recursos e serviços de amparo ao idoso são fatores importantes para uma investigação insuficiente desse problema em nossa realidade”.



INTRODUÇÃO

Os maus-tratos contra idosos, particularmente na cultura ocidental, constituem situações crônicas. Apesar disso, apenas há duas décadas nos países desenvolvidos e atualmente no Brasil, tiveram início discussões e estudos sobre essa problemática em decorrência do aumento do número de idosos frágeis e, conseqüentemente, pelas suas crescentes necessidades sociais.

Conforme Lynch (1997), mais de dois milhões de idosos, por ano, são vítimas de violência nos Estados Unidos, principalmente no contexto familiar. Segundo informações registradas no relatório da Comissão Especial de Velhice do Congresso Americano, divulgado em 1981, no âmbito dos Estados Unidos, 10% da população idosa já foi vítima de violência. Esse relatório expõe, ainda, que: ... o problema é de larga escala, em nível nacional acontece com uma freqüência que poucos ousariam imaginar. De fato, os maus-tratos contra idosos pelos seus próprios familiares ou cuidadores, é apenas ligeiramente menor do que aqueles cometidos contra crianças (U.S. SELECT COMMITTEE ON AGING, 1981, p.15).

No Brasil, somente os casos extremos de maus-tratos dirigido aos idosos chegam ao conhecimento geral pelos meios de comunicação. A grande maioria fica oculta no seio da família ou das instituições de abrigo. O despreparo dos profissionais e a carência de recursos e serviços de amparo ao idoso são fatores importantes

para uma investigação insuficiente desse problema em nossa realidade.

A preocupação com os conflitos que ocorrem na esfera doméstica, entre o idoso frágil ou dependente e seus familiares, assim como a consciência de que a reversão dessa realidade depende também daqueles que se preocupam com as causas humanitárias e sociais da pessoa idosa, nos impulsionaram a produzir este escrito com o seguinte objetivo: apontar alguns caminhos que devem ser percorridos por profissionais da área de saúde para identificar evidências sutis de violência doméstica contra idosos. Assim sendo, daremos início à caminhada.

Geralda, uma viúva de 75 anos caminha no serviço de saúde com seu filho João de 52 anos. Ela apresenta várias contusões no corpo em diferentes níveis de evolução: uma preta e azul e as demais amarelas e marrons. Além dessas contusões a Sra. Geralda evidencia uma fratura num braço que ela afirma ter sido decorrente de uma queda na escada, porém, a radiografia de seu braço revela uma fratura em espiral, produzida por torção. O profissional de saúde coordenador do serviço tentar entrevistar a sra. Geralda, mas é seu filho que responde a todos os questionamentos.

Como reconhecer sinais típicos de violência física? Para cuidar eficazmente de um idoso submetido a maus-tratos, é preciso ser capaz de reconhecer o problema, diferenciando-o dos outros tipos de violência doméstica.



Tipos de maus-tratos contra idosos

Os maus-tratos ao idoso classificam-se, de modo geral, em quatro tipos: físico, psicológico, negligência e financeiro. Mas é comum que o idoso sofra, simultaneamente, mais de uma forma de violência. Entre essas formas de maus-tratos, a de mais fácil reconhecimento é a violência física, definida como agressões feitas com a intenção de provocar dor, lesão ou ambas, incluindo abuso sexual (CANTERA e DOMINGO, 1998). Exemplos comuns são: tapas, socos, empurrões, beliscões, queimaduras, batidas com objetos, restrição física não justificada.

Na assistência domiciliar, intervir nesses casos pode ser difícil. Um idoso vítima de maus-tratos pode se sentir na obrigação de proteger seu familiar, principalmente de punição legal, além de temer o aumento das agressões. Dificuldade adicional é representada pela presença de um membro da família que insiste em estar com o idoso continuamente, impossibilitando que alguém fale com ele sozinho.

Tentando examinar criteriosamente a situação vivenciada pela sra. Geralda, digamos que o profissional de saúde pedisse ao seu filho que se ausentasse um pouco do ambiente em que estava com sua mãe, pois isso poderia facilitar a comunicação dela sobre o seu problema. Apesar de relutante, ele concorda. Agora a sós, o profissional afirma a Sra. Geralda que suas lesões estão compatíveis com violência física. Ressalta, também, que morar com filhos adultos pode gerar conflitos tanto para os pais

quanto para os filhos. Ela, porém, desvia o olhar e reitera que caiu da escada.

Considerando as dificuldades encontradas pelos profissionais de saúde para avaliar eficazmente a presença de violência física direcionada ao idoso, descreveremos a seguir alguns procedimentos que devem ser operacionalizados durante a entrevista e o exame físico do idoso frente a essa situação. Para tal, nos norteamos pelos trabalhos de Berger (1995), Lynch (1997) e Sengstock e O'brien (2001).

- Assegurar ao idoso a privacidade e a confidencialidade. Entreviste o idoso particularmente, assim seu relato de eventos não será influenciado pela presença de um membro da família.

- Na medida do possível registre as palavras exatas usadas pelo idoso e pelos familiares, entre aspas.

- Mantenha suas perguntas simples, diretas, sem ameaça e sem julgamento. Evite confronto. Lembre-se que quanto menos você falar mais informação obterá.

- Evite responder perguntas feitas pelos membros da família que sugerem determinadas respostas. Elas podem revelar o que você considera importante investigar.

- Esteja atento a algumas condutas tomadas por algum membro da família, como, por exemplo, considerar o idoso "propenso a acidente", "desastrado" ou "incontinente de propósito só para lhe contrariar", relatar com detalhes excessivos a causa dos



ferimentos evidenciados pela vítima, além de resistir em aceitar que o idoso receba atendimento domiciliar.

- Faça um exame físico completo do idoso, tendo em mente que apenas contusões e hematomas não são necessariamente indicadores de maus-tratos. Os idosos geralmente têm pele fina e frágil e podem se machucar ou se cortar facilmente.

- Na presença de lesões, pergunte quando, onde e como elas ocorreram. Fique alerta quanto à compatibilidade das respostas com as evidências físicas observadas.

- Registre todos os achados relativos ao exame da pele: tamanho, forma e aparência de manchas; lacerações; ferimentos em localizações não usuais (pescoço, genitália); ferimentos padrão (marca de objeto utilizado no ato da agressão, como cintos, fios elétricos, cabides ou dedos humanos); ronchas* no braço sugerem que o idoso foi agarrado e balançado fortemente; queimaduras (especialmente de cigarro, ferro, corda e de imersão); contusões similares em diversos estágios evolutivos. Outra informação que deve ser destacada é a possível presença de fraturas consolidadas sem alinhamento, o que indica uma história de violência.

- Observe ainda, sinais de depressão, agitação, baixa auto-estima, alterações da marcha, dor, coceira, contusões ou sangramentos na área genital que indiquem agressão sexual, mu-

danças no estado mental e privação do sono.

Maus-tratos Psicológicos

Constituem atos realizados com a intenção de provocar dano mental ou emocional CANTERA e DOMINGO (1998). No geral, associam-se aos maus-tratos físicos. No entanto, podem ocorrer isoladamente, sendo de identificação mais difícil. Exemplos comuns incluem: agressões verbais em forma de ameaças (de internação, de abandono), insultos, humilhação, ridicularização, infantilização. Tais constrangimentos induzem o idoso a aceitar passivamente o papel de pessoa dependente (decidem por ele até o que deve vestir, por exemplo).

Segundo Lynch (1997), avaliar se um idoso é vítima de maus-tratos psicológicos é um desafio, pois, algumas vezes, tais fatos ocorrem de maneira sutil. Além do mais, essa forma de violência poderá estar inserida numa situação de desequilíbrio emocional tanto do idoso (alterações de conduta) como da família (estresse do cuidador).

Ressaltando esta questão, Sengstock e O'brien (2001) afirmam que nem todos os maus-tratos dirigidos aos idosos, no contexto familiar, são ações tomadas deliberadamente para causar-lhes danos, pois a família enfrenta, com frequência, sérios conflitos ao cuidar de um membro idoso com dependência física, cognitiva e/ou distúrbio de comportamento,

* Roncha – Mancha arroxeadada no corpo, originada, em geral, de hemorragia subcutânea.



particularmente, quando esse cuidado é prolongado.

Para Smeltzer e Bare (2002), com a saúde deficiente dos pais idosos, a qualidade da relação pai/filho pode ficar comprometida, tornando-se tensa e, conseqüentemente, resultar em maus-tratos contra o idoso.

No sentido de produzir uma reflexão sobre essa problemática que permita ao profissional de saúde compreender de forma mais ampla a dinâmica idoso/cuidador, contextualizando suas experiências, descreveremos alguns casos de idosos com distúrbios cognitivos e de comportamento, mencionados por Gwyther (1995), adaptados por nós, que evidenciam a tensão familiar como antecedente de maus-

-tratos psicológicos ao idoso.

Caso 1 — A Sra. Cláudia tem 85 anos, julga que é bem mais jovem, pensa que foi violentada, que está grávida e em trabalho de parto todas as noites, situação que deixa sua filha de 62 anos extremamente embaraçada, particularmente quando há presença de outras pessoas que não conhecem os seus problemas. Para se livrar da cena “vergonhosa” ela passou a restringir o contato social de sua mãe.

Caso 2 — O Sr. Luís de 78 anos, estava sempre desconfiado que alguém da família estava usando ou “roubando”



seus objetos pessoais. Por isso, todas as manhãs contava suas cuecas e insistia em que alguém tinha roubado parte delas durante a noite. Também achava que outra pessoa tinha usado sua prótese dentária enquanto ele dormia. Atormentado com tanta desconfiança o Sr. Luís escondia tudo no vaso de flores de seu quarto, pois estava certo de que sua esposa esperava que ele entrasse no banheiro para roubar-lhe dinheiro, óculos e meias. No entanto, nunca se lembrava onde tinha colocado seus objetos, o que fazia com que ele exercesse forte pressão psicológica sobre a família para dar conta dos seus pertences. A família, por sua vez, não conseguia entender tal comportamento do Sr. Luís e, muitas vezes, revidava as agressões de que era vítima.

Caso 3 — O Sr. Pedro, que gosta de vagar, acredita estar na cadeia para ser julgado injustamente. Além do mais, apesar de sua esposa cuidar dele 24 horas por dia, ele a acusa de ter caso com os atores das novelas que assiste todas as noites. Esta situação é muito difícil de ser compreendida pela sua esposa, que também é idosa e tem padrões morais rígidos. Assim sendo,

os insultos marcam sua relação na atualidade.

Maus-tratos financeiros

Constituem mau uso ou exploração do dinheiro do idoso como: apropriação de aposentadoria, pensão ou uso ilegal de fundos, propriedades e outros ativos que pertençam ao idoso, como rendas de investimentos, juros etc (FERNANDES, 1997). Apesar deste tipo de violência não oferecer os riscos imediatos da agressão física, poderá ser devastadora para o idoso, se ocorrer por longo período. A vítima deste tipo de mau-trato pode não estar ciente do que está ocorrendo, no entanto, mesmo estando consciente não é fácil a intervenção de profissionais de saúde, conforme explicita o caso descrito por Lynch (1997, p.30):

Após Emily de 82 anos de idade ter sofrido um AVC, seu filho a colocou num asilo para idosos. Três meses depois ele conseguiu trazê-la para sua própria casa, com a promessa de supervisionar seu cuidado e de administrar seus recursos econômicos para ela não se preocupar com o pagamento de contas. Para isto, o filho da Sra. Emily precisaria ter acesso a sua conta bancária. Ela concordou, e enquanto assinava os formulários do banco passando o controle de sua conta para seu filho, ele, sem que ela soubesse, a fez assinar a transferência da sua casa e da sua poupança para ele.



Posteriormente, uma enfermeira de cuidado a domicílio visitou a Sra. Emily, e observou que ela não tinha nenhuma comida e nenhum material de cuidado pessoal em casa. Quando a enfermeira perguntou se ela precisava de assistência em relação a compras, a Sra. Emily começou a chorar e falou que não podia fazer compras, pois não tinha nenhum dinheiro. Explicou que seu filho controlava as suas finanças e a visitava apenas uma vez por semana, trazendo uma pequena sacola de mantimentos. A enfermeira a ouviu descrever o seu dilema. Em seguida, se propôs a fazer uma denúncia legal contra seu filho no órgão competente para proteção da pessoa idosa, porém ela não foi favorável. A ligação emocional da Sra. Emily com o seu filho fez com que ela relutasse em tomar essa decisão.

Negligência ou Abandono do Idoso

Segundo SENGSTOCK e O'BRIEN (2001), a negligência ocorre quando há falhas no atendimento das necessidades básicas de um idoso dependente, tais como: alimentação, higiene, vestimenta, remédios, ambiente seguro e outras. Para CANTERA e DOMINGO (1998), a negligência pode ser passiva, quando é consequência de um desconhecimento ou incapacidade por parte do cuidador, e ativa, quando é realizada intencionalmente. A negligência também pode ser auto-infligida, por exemplo, nos casos em que o idoso recusa a alimentação, a medicação, ou faz uso excessivo de tranquilizantes e outros.



Conforme especificam SENGSTOCK e O'BRIEN (2001) e BERGER (1995), os indícios de negligência incluem:

- Vestimentas inadequadas.
- Sinais de higiene pessoal precária.
- Abuso, falta ou administração irregular dos medicamentos prescritos.
- Escaras de decúbito.
- Desidratação e/ou desnutrição sem causa patológica.
- O idoso dependente que é deixado em casa sem vigilância e sem ajuda.

Ao longo da construção deste texto, centramos nossas idéias nas estratégias que viabilizam a identificação e, provavelmente, a interrupção de maus-tratos envolvendo pessoas idosas. Todavia, é de extrema importância que os profissionais de saúde, particularmente na assistência ao idoso no âmbito familiar, con-



siderem fatores de risco presentes na história e na dinâmica da família que possam desencadear a ocorrência do fenômeno.

Nesta perspectiva, (LYNCH, 1997) menciona alguns fatores de risco para maus-tratos ao idoso que devem ser identificados e minimizados no intuito de prevenir o problema, conforme evidencia o quadro 1.

Considerações Finais

Conforme Durhan (1984), citado por Figueiredo (1998), é próprio do senso comum conceber as instituições relativamente estáveis da sociedade como formas naturais de organização da vida coletiva, ao invés de produtos

mutáveis da atividade social. Assim, os problemas vividos no interior da família, como a violência, parecem ser vistos como algo natural e de propriedade da família. Em consequência disso, o ciclo de violência familiar permanece fechado e transmitido de geração para geração.

Ante essa realidade, é preciso que as ações sociais direcionadas ao idoso, particularmente ao dependente e sua família, sejam mais amplas e efetivas, tanto no âmbito público como no privado. Caso contrário, essa forma de violência, pouco conhecida, continuará a existir com uma intensidade cada vez maior.

Quadro 1 — Fatores de risco para maus-tratos ao idoso

	Vítima	Agressor
História de doença mental	●	●
Dependente morando junto	●	●
História familiar de violência	●	●
Isolamento social	●	
Acontecimentos estressantes		●
Saúde comprometida	●	
Danos cognitivos	●	
Abuso de poder		●
Dependência	●	●
Carência de recursos financeiros	●	●

Fonte: Lynch (1997).



“A preocupação com os conflitos que ocorrem na esfera doméstica, entre o idoso frágil ou dependente e seus familiares, assim como a consciência de que a reversão dessa realidade depende também daqueles que se preocupam com as causas humanitárias e sociais da pessoa idosa, nos impulsionaram a produzir este escrito com o seguinte objetivo: apontar alguns caminhos que devem ser percorridos por profissionais da área de saúde para identificar evidências sutis de violência doméstica contra idosos. Assim sendo, daremos início à caminhada.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, L. Evitar os perigos. In: BERGER, L.; MAILLOUX-POIRIER, D. Pessoas idosas: uma abordagem global. Lisboa: Lusodidacta, 1995, p.379-438.
- CANTERA, I. R.; DOMINGO, P. L. Geriatria. Trad. Maria Teresa Ramalhal Teixeira. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 1998.
- FERNANDES, F. S. As pessoas idosas na legislação brasileira: direito e gerontologia. São Paulo: LTR, 1997.
- FIGUEIREDO, S. C. S. Abuso de pessoas idosas na família: um ensaio. Gerontologia, v. 6, n. 3, p. 126-135, 1998.
- GWYTHER, L. P. Cuidados com portadores da doença de Alzheimer: um manual para cuidadores e casas especializadas. Tradução por Lillian Alicke. São Paulo: Associação Toca das Hortênsias, 1995.
- LYNCH, S. H. Elder abuse to look for, how to intervene. AJN, v.97, n.1, p.27-33, 1997.
- SENGSTOCK, M.; O'BRIEN, J. G. O tratamento inadequado aplicado aos idosos. In: GALLO, J. J. et al. Reichel assistência ao idoso: aspectos clínicos do envelhecimento. 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2001, p. 488-493.
- SMELTZER, S. C. ; BARE, B. G. Brunner & Suddarth Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 2002. p. 141-163.
- U.S. SELECT COMMITTEE ON AGING. Elder abuse: an examination of a hidden problem. Washington D. C.: Government Printing Office, 1981.p. 15.



Teorias, Conceitos e Preconceitos

RITA DE CÁSSIA DA SILVA OLIVEIRA

Doutora em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Santiago de Compostela. Professora da Universidade Aberta para a Terceira Idade da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Gerontóloga pela SBGG.

email: soliveira13@uol.com.br

“A aproximação da velhice não reduz drasticamente qualquer faculdade do indivíduo ao ponto de impedi-lo de continuar ativo e útil ao grupo social a que pertence. O comportamento humano, independente da idade, não pode ser padronizado ou generalizado. A velhice, em geral, é vista como época de declínio físico e mental. As pessoas que recebem o qualificativo de “velhas” são percebidas de forma estereotipada e consideradas como sofrendo enfermidades, solidão, tristeza e abandono”.



INTRODUÇÃO

Os temas velhice e envelhecimento encontram-se em grande efervescência na sociedade brasileira, haja vista que o slogan “Brasil País Jovem” assume, lentamente, um perfil diferenciado, o Brasil está ficando de cabelos brancos: é um país que envelhece. Os censos demográficos, constataam claramente essa realidade. Porém, apesar da demanda da população idosa estar crescendo, a sociedade brasileira, em seu conjunto, ainda não se encontra preparada para atendê-la. Depara-se com muitos discursos vazios sobre o tema e de pouca praticidade ou consistência científica.

A questão do envelhecimento e da velhice envolvem uma somatória de complexos fatores para o seu estudo, entre eles: aspectos biológicos, cronológicos, sociais e psicológicos.

Aspectos sociais da velhice

No conceito de velhice, o aspecto social assume um importante papel em razão do crescimento da população idosa, que tem se constituído cada vez mais em um grupo diferenciado e significativo, impulsionando a amplitude da reflexão sobre o tema, deslocando-a do âmbito individual para o coletivo.

A tendência no Brasil é a de valorizar o que é novo e desprezar o que é velho. A própria educação faz o “velho” se sentir um objeto fora de uso. Na realidade, para uma pessoa satisfeita consigo mesma e com sua condição, além de bem relacionada com seu ambiente, a idade

permanece abstrata.

Sem dúvida, ainda são necessárias muitas reflexões para a reformulação da maneira de encarar o processo de envelhecimento na sociedade. Precisamos urgentemente compreender que se tornar velho não significa ser senil, enfermiço e assexuado. A aproximação da velhice não reduz drasticamente qualquer faculdade do indivíduo a ponto de impedi-lo de continuar ativo e útil ao grupo social a que pertence.

O comportamento humano, independente da idade, não pode ser padronizado ou generalizado. A velhice, em geral, é vista como época de declínio físico e mental. As pessoas que recebem o qualificativo de “velhas” são percebidas de forma estereotipada e consideradas como sofrendo enfermidades, solidão, tristeza e abandono.

Vista como uma etapa de decadência leva a um decréscimo do status econômico e, sobretudo, do status social, como afirma BAZO (1990). O envelhecimento deve ser encarado como um processo natural e não como uma doença terminal. À medida em que o processo de envelhecimento avança, o corpo se torna mais vulnerável. Aos poucos surgem as doenças como sintomas ou resultados desse processo. O idoso que não conservou sua utilidade na família e no espaço social, sente a morte cada vez mais próxima e aos poucos se aniquila e se autodestrói.

O ser humano deve se preparar para a velhice, para que tenha uma boa vida social



e afetiva e continue dando sua contribuição para a humanidade. O programa para atingir a felicidade é o sentimento de ser, de pertencer, de significar, de crescer e de se dar e saborear plenamente a essência da vida.

Se o idoso se deixar abater, a morte é o caminho certo. Para o idoso mais rico, esse sentimento não é tão forte porque ele utiliza o tempo de aposentadoria para realizar seus sonhos, mas para o trabalhador, com a aposentadoria inicia uma nova luta para pagar aluguel, alimentação, remédios, vestuário etc.

É preciso combater a visão do envelhecimento como um prenúncio de morte. A morte não é privilégio da velhice. O envelhecimento deve ser encarado como uma seqüência da vida, um processo natural. Toda a experiência da velhice supõe uma dimensão adversa que não se pode negar ou ignorar, mas supõe, ao mesmo tempo, uma dimensão positiva não menos real. São duas dimensões contraditórias de uma mesma vivência: uma situação de crescimento e outra de decadência.

Dentre as teorias sociológicas que oferecem uma base psicossocial da velhice, destacamos a do retraimento ou desvinculação e a da atividade, considerando, ao mesmo tempo, alguns preconceitos que marcam a velhice.

Principais teorias de caráter sociológico sobre a velhice

O envelhecimento é uma experiência

social e, dentro dessa perspectiva, sociólogos tentam explicar como e porque ocorre uma série de condutas nesta faixa etária.

Teoria do desengajamento ou da desvinculação

Trata-se de uma abordagem derivada da teoria funcionalista aplicada ao estudo do envelhecimento. A teoria do desengajamento, elaborada por Elaine CUMMINGS e William HENRY (1961), analisa o envelhecimento como um decréscimo inevitável na interação entre a pessoa que envelhece e as demais. A pessoa de idade avançada deseja certas formas de isolamento social, de redução de contatos sociais e, à medida em que consegue, sente-se feliz e satisfeita. O indivíduo é analisado como um sujeito que sofre deterioração biológica, psíquica e social, participando cada vez menos da vida em sociedade enquanto que esta lhe oferece cada vez menos possibilidades de participação. Portanto, existe um retraimento recíproco entre sociedade e indivíduo, segundo MARTINEZ e Del VALLE (1996).

O fenômeno da desvinculação inclui, pois, um componente de caráter psicológico que é interno a cada indivíduo e outro de caráter sociológico baseado na influência do meio social sobre a pessoa. BUSSE (1992) acrescenta também a dimensão física. Para ele a separação do idoso é resultante do declínio de energia física.

Todavia, a desvinculação do idoso não é



inevitável. As políticas sociais supervalorizam a força jovem, e desprezam o papel do idoso. Esse panorama favorece diretamente a separação e a falta de solidariedade entre as gerações. Esse falso descompromisso e diminuição da responsabilidade social do idoso não corresponde à observação da realidade, à medida em que o ancião reclama atividades, participação nas decisões e integração social para se sentir útil. A idéia de desvinculação tem sido amenizada por conceitos como desvinculação transitória e vinculação por compensação. Os idosos isolados representam um grupo minoritário nos países europeus e não podem ser considerados um fenômeno típico e usual da velhice em geral.

Não existe uma opinião unânime quanto

à questão de saber se o isolamento é freqüente e se é ou não benéfico para os idosos. Todavia, existe uma concordância em torno da idéia de que, para trazer benefícios, a pessoa isolada deve estar concordando com o isolamento e, conseqüentemente se sentindo bem com essa situação. Alguns acreditam que esse processo de isolamento seja deflagrado pelos próprios idosos, enquanto outros atribuem-no à sociedade, já que os obriga a se excluírem da vida ativa e produtiva.

Segundo VARGAS (1994), alguns idosos se dispersam, se dissociam, permitindo que os acontecimentos externos os atinjam como fenômenos estranhos, alheios ao seu mundo que se reduz cada vez mais. Essa teoria nos



parece demasiadamente limitada, pois existem numerosos idosos que não se desvinculam, logo não sofrem perdas na integração social.

Muitos idosos abandonam ou substituem seus papéis sociais e atividades, mas atribuem essas modificações não à idade, mas à falta de oportunidades. Como consequência, modificam-se também os círculos de amigos e de convivência com outras pessoas. Conforme CASTRO (1990), tal teoria não se refere apenas a um problema de desvinculação, mas também reflete a questão da valorização social, sendo a incidência mais forte nas sociedades norte-americana e brasileira do que nas européias.

Observa-se uma base biologicista na teoria do desengajamento: na medida em que a pessoa avança na idade cronológica, alguns aspectos biológicos sofrem modificações, reduzindo paralelamente alguns papéis por ela praticados em suas histórias de vida. Essa teoria, em parte, se opõe à da atividade, pois considera que o nível de atividade tende a diminuir paralelamente ao envelhecimento.

Teoria da Atividade

Segundo BAZO (1990), a teoria da atividade, formulada por Robert Harvighurst, considera importante a manutenção da atividade na vida das pessoas pelo maior tempo possível, observando que sua ausência implica em apatia, depressão e pessimismo. Essa teoria busca preencher as lacunas deixadas pela teoria do desengajamento, tentando explicar as causas

sociais que contribuem para a inadaptação das pessoas de idade. Segundo o autor dessa teoria, preconiza-se a ação para um envelhecimento com êxito. A teoria alicerça-se sobre três premissas básicas:

- a maioria das pessoas que envelhecem, seguem mantendo níveis bastante constantes de atividade;
- a quantidade de ocupação está influenciada por anteriores estilos de vida e por fatores socio-econômicos;
- para atingir um envelhecimento com êxito é necessário conservar determinados níveis de atividade nas distintas esferas: física, mental e social.

A teoria da atividade parte do pressuposto de que só o indivíduo ativo pode se sentir feliz e satisfeito. A pessoa deve ser produtiva e útil no sentido material, dentro do contexto em que vive. Assim, na velhice o indivíduo deve continuar com suas atividades anteriores ou encontrar outras que as substituam, procurando dessa maneira superar as restrições apresentadas pelo contexto social.

A idade não pode ser considerada como algo negativo, mas, ao contrário, deve ser focalizada como sinônimo de experiência, sabedoria acumulada ao longo dos anos que os idosos podem transmitir aos mais jovens.

Há outros três aspectos que configuram essa teoria: a satisfação vital, a imagem de si mesmo e os papéis sociais. As atividades exercidas pelo idoso permitem um reconhe-



cimento social. Esse reconhecimento produz uma imagem positiva que, por sua vez, afeta o grau de satisfação do idoso com relação a vida.

À medida em que o indivíduo envelhece existe uma modificação significativa nos papéis sociais que desempenha carecendo até certo ponto de definição mais objetiva, de propósito e de identidade. Esses papéis precisam ser substituídos, caso contrário, o idoso interioriza uma anomia tornando-se alienado da sociedade e de si mesmo. O segredo da felicidade é a atividade. Trata-se de encontrar estratégias de socialização que permitam conservar antigos papéis ou encontrar novos papéis que tenham reconhecimento e valorização social.

Uma solução eficiente e necessária seria a valorização da velhice, atribuindo ao idoso novos papéis socialmente valorizados, talvez acompanhados de uma forma de remuneração, o que garante em primeiro lugar um complemento econômico, já que sociedade atualmente valoriza as atividades vinculadas ao dinheiro, desmerecendo o trabalho gratuito, embora os processos educativos, nas sociedades industriais, devem valorizar o capital cultural nas atividades do idoso. Existe uma relação estreita e positiva entre a atividade social e a satisfação na velhice. Inversamente, a perda de papéis sociais, a viuvez e a aposentadoria geram insatisfação.

O nível de atividade tende a diminuir com o envelhecimento. MADDIX e EISDORFER apud MISHARA e RIEDEL (1986) elaboraram

uma caracterologia da moral e da atividade das pessoas de idade que comportam quatro combinações possíveis:

- 1 - Atividade elevada X moral elevada;
- 2 - Atividade elevada X moral baixa;
- 3 - Atividade débil X moral elevada;
- 4 - Atividade débil X moral baixa.

Os investigadores citados concluem que existe uma estreita associação entre a atividade e a elevação do moral. Um moral elevado se encontra associado a um nível alto de atividade e depende também da situação econômica e das possibilidades que se oferecem ao sujeito.

Existem pessoas que se enquadram no grupo 3, porém representam uma minoria da amostra, sendo os indivíduos que triunfaram em seu retraimento social.

CLENNELL apud MARTINEZ e DEL VALLE (1996) considera sobre essa teoria três pressupostos que não podem ser desconsiderados:

- reconhecimento positivo da velhice e percepção favorável do idoso;
- percepção pela sociedade do desenvolvimento de novos papéis sociais e funções pelos idosos antes ignorados ;
- o desenvolvimento de programas dirigidos aos idosos, tendo em vista o potencial dessa clientela.

Assim, a teoria do retraimento e a teoria da atividade oferecem uma explicação global, mas fragmentária da realidade. Parecem existir



tipos “ativos”, “retraídos” e sua distribuição se modifica em função de variáveis como trabalho, instituição, situação sócio-econômica e idade.

Em conseqüência do progresso médico-científico, essa teoria tem o reconhecimento de que suas premissas foram elaboradas sobre bases verdadeiras, lembrando que um excessivo protecionismo social e ambiental pode ser negativo ao idoso, e um certo grau de stresse é benéfico para que o organismo exercite seus mecanismos de resposta e mantenha algum grau de tono vital.

NEUGARTEN apud SILVESTRE (1996) considera que tanto a teoria da desvinculação como a da atividade descuidaram-se de algumas questões importantes, como o tipo de personalidade do idoso, atividades desempenhadas, exercício de papéis sociais e formas de obter satisfação. O nível de atividade de uma pessoa pode variar não influenciando diretamente o grau de satisfação. Essa teoria reforça a importância atribuída às sociedades para a produtividade. Sem dúvida, a busca de um novo paradigma de velhice produtiva está sendo debatido.

O excesso de aplicação das proposições da teoria da atividade conduzem à conclusão de que a velhice satisfatória é sinônimo de velhice ativa, estabelecendo esse modelo para o idoso, instigando a competição com indivíduos mais jovens e, até certo ponto, negando as possibilidades atuais dessa faixa etária, o que é de pouca utilidade para a integração e

a qualidade de vida dos idosos.

As pessoas idosas desejam e podem permanecer ativas e independentes por tanto tempo quanto for possível, se o apoio adequado lhes for proporcionado. Os idosos encontram-se potencialmente em risco não apenas porque são velhos, mas porque são vulneráveis às incapacidades de suas próprias mentes, de seus corpos e de seu meio físico e social.(VERAS, 1995).

Preconceitos à Terceira Idade

Sob a problemática que envolve a Terceira Idade está a imagem que muitos idosos fazem de si próprios. Alguns são hostis ao seu próprio envelhecimento, rejeitando a velhice e não se preparando para enfrentar com dignidade os anos que se seguem. A incorporação ao longo da vida de valores estereotipados e negativos em relação ao idoso, nortearão a afetividade para com os velhos e para consigo mesmo. Uma afetividade positiva em relação aos idosos representa uma grande possibilidade de encarar a velhice com naturalidade e tranqüilidade, alcançando uma convivência harmoniosa.

O impasse e a tragicidade da velhice se perpetua na ausência da atribuição de qualquer lugar social e reconhecimento simbólico. Os percursos da temporalização silenciam e qualquer manifestação da subjetividade fica impossibilitada.

Talvez seja mais fácil, através das gerações



mais jovens, combater os estigmas e preconceitos atribuídos aos idosos. Será o passo mais importante para que os idosos tenham seu valor e papel acolhidos e respeitados dentro da sociedade. Não existe uma fórmula única e eficiente para combater a idéia de declínio e apatia que a sociedade impôs aos idosos já que os processos são dinâmicos e variam conforme os indivíduos. No próprio contexto social onde o idoso é vítima de discriminações, passa também a se sentir acuado e, como consequência, perde a iniciativa e a motivação. A sociedade coloca o velho numa situação típica de marginalização social, na proporção em que ergue contra ele inúmeras barreiras sociais e desenvolve atitudes de preconceito e discriminação social.

Para ULRICH (1992), "o velho é alguém isolado e discriminado do meio social, sem interesse pela vida e sem ocupação. Só que eles não pregam nem fazem revoluções." Completa ainda identificando como grande problema da sociedade de hoje a falta de consciência da gravidade do sofrimento pelo qual passa o idoso e também dos recursos para solucionar essa situação.

Complementando esse panorama hostil delineado na sociedade brasileira em relação a essa faixa etária, os próprios idosos toleram os limites que lhes são impostos, aceitando-os como algo natural cristalizado pela sociedade, impossível de ser contestado.

A velhice, conforme FARIAS (1990), é um



período de muitas mudanças para o indivíduo. A sociedade ainda não definiu papéis para essa parcela da população com graves problemas e prejuízos de ordem econômica.



Do ponto de vista axiológico e social, MIRA y LOPEZ (1981) fazem uma análise interessante sobre o conceito de velhice quando atribuem a ele três preconceitos. O primeiro situa a sociedade como aplicadora das leis do “tudo ou nada” para a velhice. As leis são criadas para o homem de meio termo e em favor dele são legislados. Esses critérios racionais deixam de ser válidos no momento em que o indivíduo transpõe a fronteira da velhice quando a sociedade o condena à inatividade, improdutividade e dependência.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que muitos idosos são afastados do seu trabalho, outros alcançam e ocupam os cargos mais elevados na vida privada e pública do nosso país, dando a entender que o desgaste e a deficiência dos indivíduos, a diminuição das aptidões necessárias para uma produtividade no trabalho atingem apenas os subalternos.

Um segundo preconceito é a forma desigual com que a sociedade enquadra o velho e o jovem em relação ao aspecto econômico. Existe uma predileção pelo jovem em detrimento do velho sob a alegação de que a velhice acarreta perdas no aspecto físico e mental com prejuízos para a produtividade. Muitos valores sociais sedimentados ao longo dos anos, traduzidos pelo mito do Brasil - País Jovem, evidenciam exclusivamente o potencial da juventude, em detrimento da idade madura e da velhice, que se tornaram assim sinônimos de improdutividade e decadência (SALGADO, 1991).

Com isso não se quer negar totalmente a existência de diferenças nos desempenhos entre faixas etárias variadas. Uma delas é o ritmo empreendido em algumas funções, porém, em outros aspectos se equivalem, sendo os jovens, muitas vezes pela experiência, superados pelos idosos. Assim, pode-se considerar uma “... injustiça a crença da inferioridade inelutável do rendimento na fase ‘senhorial’ da vida” (MIRA Y LOPES, 1981).

Um terceiro preconceito refere-se à incompetência do idoso para a aprendizagem. No entanto, o idoso é capaz de aprender e de se adaptar às novas condições e exigências da vida. Apenas deve ser respeitado seu ritmo que, muitas vezes, pode tornar-se mais lento do que na juventude.

“Fatores sociais como origem, nível de instrução alcançado e profissão exercem influência significativa no desempenho do idoso, mais do que uma determinação biológica ou de pretendidas características de idade” (ÂNGULO, 1991).

Para as pessoas de idade avançada não há uma técnica adequada de aprendizagem. Por exemplo, para respeitar uma posologia medicamentosa, o médico deve oferecer ao idoso um maior número de explicações, expor o como e o porquê, além de ressaltar as consequências de um uso indevido do medicamento. ÂNGULO (1991) salienta que a apresentação rápida aos idosos de um material novo a apren-



der, incomoda mais que aos jovens, porém, a supressão do fator tempo faz com que essa diferença desapareça. O mesmo autor atribui ao fator insegurança alguma dificuldade de aprendizagem e não à deterioração de qualquer faculdade. Os idosos são mais sensíveis a perturbações exteriores como pausas, barulhos. A observância sobre seu estado de saúde é importante, quando debilitado, poderá ter seu desempenho prejudicado.

Devido a uma maior lentidão dos processos neuropsíquicos, são necessários outros métodos e um espaço de tempo maior para que possam obter máxima eficiência em novos hábitos. E, respeitado esse tempo, os idosos despontam capazes de adquirir e dominar as novas condições e conhecimentos a eles apresentados. As faculdades intelectuais nada sofrem com o envelhecimento e podem se desenvolver com o passar do tempo, como, por exemplo, o conjunto de conhecimentos, o julgamento prático, a aptidão de dominar situações difíceis e o desembaraço verbal. A capacidade de aprendizagem não é afetada pela idade, antes é facilitada pela associação com experiências anteriores no já conhecido processo de assimilação - acomodação defendido por Piaget (STEGLICH, 1992).

Entretanto, um aspecto marcante é o da ansiedade e impaciência características da sociedade atual. Diante dessa neurose de velocidade, para muitos torna-se incompatível e até perda de tempo aceitar um ritmo

mais lento por parte dos idosos.

“A educação constitui um processo em que cada ser humano aprende a se formar, a se informar a fim de transformar-se e transformar o mundo. O homem é um ser inacabado que tende à perfeição; em conseqüência a educação se torna um processo contínuo que só termina com a morte. A educação não é apenas conservadora porque assim aceitaria que a situação atual é ideal, porém ela traz o germe da mudança, tornando-se por isso o instrumento de realização das utopias” (PAIVA, 1985).

Segundo ARNHOFF (1990), não obstante o declínio biológico, os idosos podem aprender tão bem como os jovens, podendo ser melhores na aprendizagem dos aspectos práticos e executarem tarefas com maior habilidade do que muitos jovens normalmente as praticam.

Juntamente com estes preconceitos, existem também alguns estereótipos, atribuídos aos idosos, que são frutos de uma construção cultural e sustentados, em grande parte, pela população jovem. A sociedade brasileira atualmente apresenta grande tendência em preconizar, através da mídia, a juventude, fortalecendo a idéia de que uma velhice feliz consistirá em permanecer jovem. No Brasil, as pessoas idosas são tratadas como se fossem “lixo atômico”, e os mais jovens estão sendo condicionados, pela massificação de seus hábitos e costumes, a crer que somente o novo é belo



(MARDEGAN, 1993). Porém, essa tendência é ilusória e negativa, à medida em que leva muitos idosos a valorizarem excessivamente a juventude que possuíam, vivendo do passado, gerando uma incapacidade de considerar e reconhecer o valor na própria velhice que hoje possuem.

Criou-se a mística do envelhecimento, que se transmite para a realidade cotidiana das pessoas e através da qual despreza-se ou abandona-se tudo aquilo que envelhece. Com isso, o idoso se transforma em pessoa à margem da sociedade e de uma vida que ainda poderia ser repleta de vivências e realizações. Enquanto houver vigor físico, deve-se desfrutá-lo para não se lamentar depois que este tiver desaparecido. O curso da vida é regular e uniforme. Cada etapa da vida possui uma prescrição, a debilidade da infância, a audácia da juventude, a responsabilidade da vida adulta e a maturidade da velhice. Cada etapa evolui por si só e deve respeitar o seu tempo.

Se o indivíduo procurar viver a sua vida tendo sempre como parâmetro a juventude de outrora, certamente vivenciará uma velhice repleta de limitações e frustrações. MARDEGAN (1993) propõe para essa crise existencial uma solução que reside em continuar perseguindo os objetivos que nortearam e revestiram de significado a própria vida. Deve-se viver uma vida comprometida, suficientemente justificada, combatendo a idéia de a velhice ser uma paródia de morte. Muitos idosos se

abatem, distanciando-se e assumindo o rótulo de incompetentes.

Como afirma GAIARSA (1989), “ser velho, além de um fato, é um conjunto de convenções sociais da pior espécie. Não se sabe o que pesa mais sobre os velhos, se a idade ou a idéia que fazem de si mesmos, movidos pelo modo como são tratados, levados pelas idéias tantas vezes vingativas que orientam o comportamento da maioria frente a eles”.

A pressão social atua no sentido de negar a velhice enquanto, valorizando a pessoa que consegue disfarçá-la fisicamente (velhos bem conservados) e ou psicologicamente (velhos de espírito jovem). O velho sábio desapareceu de nossa realidade, permanecendo apenas como um conceito abstrato.





Considerações finais

A velhice constitui uma fase da vida do ser humano que deve ser incorporada com naturalidade. MOSQUERA (1978) considera como o aspecto mais significativo da problemática do adulto velho a indiferença, o desrespeito e desinteresse que a velhice desperta em um mundo materializado e voltado unicamente para o lucro. Na cultura brasileira ser jovem é ter as possibilidades de fazer as coisas, o que não passa de um mito. O idoso tem necessidade de estar integrado à sociedade, cujos

valores precisam ser reformulados em relação às diversas fases da vida.


MARDEGAN (1993) adverte que a arte de viver está justamente na renovação constante dos objetivos e expectativas de vida, que é um processo contínuo de redefinições e redescobertas, um eterno crescimento, que não diminui com o passar dos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÂNGULO, Marcos. A aprendizagem na terceira idade, sob o ponto de vista geriátrico. Cadernos da Terceira Idade, São Paulo, n.6, p.17-18,1980.
- ARHNOFF, Franklin. Concepto del envejecimiento. Madrid: Morata, 1990.
- BAZO, Maria Tereza. La sociedad anciana. Madrid: CIS, 1990.
- BEAUVOIR, Simone. A velhice: a realidade incômoda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOLSANELLO, Aurélio. Conselhos. Curitiba: Educacional Brasileira, 1986.
- BUSSE, Ewald. O mito, história e ciência do envelhecimento. Porto Alegre: Artes Médicas,1992.
- CANOAS, C. A condição humana do velho. São Paulo: Cortez, 1985.
- CANTALICE, Arthur. Como vivem os aposentados no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1988.
- CASTRO, A. La tercera edad. Tempo de ocio y cultura. Madrid: Narcea, 1990.
- DI PAULO, Ana. Vida social em função do idosos, como uma política que depende de nós. São Paulo: Família Cristã, 1986.
- FARIAS, Carlos. Problemas médicos-sociais dos idosos no Brasil. Revista de Geriatria e Gerontologia, 1990.
- FRAIMAN, Ana Perwin. Coisas da idade. São Paulo: Hermes, 1991.
- GAIARSA, José Angelo. Como enfrentar a velhice. Campinas: Unicamp, 1989.
- GUIDI, Maria Laís & MOREIRA, Maria Regina. Rejuvenescer a velhice. Brasília: UNB, 1994.



- HERRERA, R. et alii. Tratado de psicogerontologia. Promolibro: Valencia, 1996.
- KOL, Paulo. As dores sociais da velhice. São Paulo: Vida e Saúde, 1984.
- LAFORREST, Jacques. Introducción a la gerontologia. Barcelona: Herder, 1991.
- MAGALHÃES, Dirceu. A invenção social da velhice. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1987.
- MARDEGAN, Elyseu. A idade do lobo. São Paulo: Mercury, 1993.
- MARTINEZ, A. DEL VALLE, J. Teoría y política de la tercera edad. Revista Universitária: Valência, 1996.
- MAXWELL, Flórida. Paixões da velhice. Rio de Janeiro: Seleções, 1989.
- MIRA y LOPES. A arte de envelhecer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- MISHARA & RIEDEL. El proceso de envejecimiento. Madrid: Morata, 1986.
- MOSQUERA, Juan. Vida adulta: personalidade e desenvolvimento. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- NERI, Anita L. Envelhecer num país de jovens. Campinas: Unicamp, 1991.
- _____.Qualidade de vida e idade madura. Campinas: Papyrus, 1993.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis. São Paulo: Paulinas, 1999.
- PAIVA, Vanilda. Educação permanente e capitalismo tardio. São Paulo: Cortez, 1985.
- PEREIRA, Fernando. O velho e a família - um final feliz? Rio de Janeiro: Senecta, 1989.
- RILEY, M. On the significance of age in sociology. Review American Sociological, 1987.
- SALGADO, Marcelo. Velhice, uma nova questão social. São Paulo: SESC, 1991.
- SICURO, N. BREYER, E. O precioso tempo da velhice. Porto União: Uniporto, 1990.
- VARGAS, Heber. Psicogeriatria geral. Rio de Janeiro: Guanabara/ Koogan: 1994.
- _____.Educar para os direitos dos idosos. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- VERAS, Renato. Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1995.
- SAEZ, N. VEGA, J.L. Acción sociocultural y tercera edad. Barcelona: CEAC, 1989.
- SILVESTRE, Núria et alii. Psicologia evolutiva. Barcelona: CEAC, 1996.
- SIMÕES, Regina. Corporeidade e terceira Idade. Piracicaba: Unimep, 1994.
- STEGLICH, L. Crises normais na vida adulta. Passo Fundo: UFP, 1992.
- ULRICH, Maria Alayde. Idosos. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1992.



“As pessoas idosas desejam e podem permanecer ativas e independentes por tanto tempo quanto for possível, se o apoio adequado lhes for proporcionado. Os idosos encontram-se potencialmente em risco não apenas porque são velhos, mas porque são vulneráveis às incapacidades de suas próprias mentes, de seus corpos e de seu meio físico e social”.
(VERAS, 1995).


Envelhecimento:

A Morte dos Sonhos ou o Gerenciamento do Tempo?

MARIA ALVES DE TOLEDO
BRUNS

Doutora em Psicologia Educacional, docente no Programa de pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP.

Homepage www.sexualidadevida.psc.br,
email: bruns@hotmail.com



“É imprescindível aprender a conviver com a incontornável realidade humana que é o envelhecimento. Ao conquistar esse modo de ser, seremos capazes de ressignificar o “vazio” que habita a alma humana, na trajetória entre o nascer e o morrer, nesse espaço a que chamamos vida. Assim, viremos a compreender que somos seres finitos e que a eternidade foi sempre um sonho que o homem sonhou, repetindo-se na “carne” dos deuses do Olimpo.”



Dirijo-me neste artigo ao leitor atento para falar-lhe do dilema de todos nós – o envelhecimento. Proponho uma reflexão crítica acerca de nossa práxis de envelhecimento, nessa etapa em que o corpo é cultuado e descartado com uma rapidez tal, como as mercadorias em supermercados que trazem a indicação do tempo de sua validade para o controle do consumidor.

A atual embriaguez da velocidade nos atinge em todas as instâncias. A indústria cultural, a virtualidade dos meios de comunicação, a atualização do consumo se apropriam, de modo nunca visto, de recursos visuais, estratégias de marketing e mensagens subliminares para veicularem e demarcarem a desconstrução de rígidos valores morais, religiosos, sexuais e estéticos. São valores que se materializam em práticas sociais flexíveis e plásticas, cuja efemeridade deixa perplexos não só os mais jovens, mas também os adultos de todas as idades, que são lançados a mil e uma armadilhas travestidas de slogans “libertários”, que nos tornam assim presas fáceis do consumismo desenfreado que ora vivenciamos.

Afinal, o espírito do mundo, o “geist” da sociedade contemporânea, é a rapidez, a velocidade. A ligação comercial entre fronteiras nacionais e internacionais nos colocam à frente de infinitas novidades que no momento em que as adquirimos já estão ultrapassadas. Ser contemporâneo é trafegar por infinitos lugares sem fazer paragens.

Se por um lado aplaudimos a reunificação alemã, a integração da União Européia,

o multiculturalismo, a globalização, por outro assistimos perplexos à super organização do narcotráfico, cuja rede sofisticada de comunicação domina a venda de drogas em escala mundial. A especulação do sistema financeiro internacional desestabiliza e subordina as instituições nacionais, tornando-as cada vez mais frágeis. O dinamismo desse processo favorece, sem dúvida, a hiper concentração de capital nas mãos de um número reduzido de pessoas, e como conseqüência desastrosa ocasiona a cristalização do círculo de sofrimento provocado pela pobreza que atinge a grande massa populacional.

Os impasses sociais são sentidos pelo desemprego, pela fome, pela prostituição infantil e pela violência física, moral e psíquica. Nessa perspectiva o potencial da modernidade constrói e destrói ao mesmo tempo os sonhos de cidadania, solapados pelos descompromissos políticos que regem os princípios democráticos de muitos de nossos dirigentes.

Desse modo, a fragmentação e a desarticulação se instalam, e a incredulidade, o desencanto fazem-se presentes em nossos atos mais íntimos, como por exemplo (o que é de lastimar) nas relações familiares. A intimidade sexual, os segredos de família e até mesmo a nossa orientação sexual nunca foram antes tão explicitadas pela mídia quanto agora. A família conjugal moderna está em crise e se constitui, segundo Vaitsman (1994), “numa crise das relações de gênero fundadas na dicotomia



entre o público e o privado instituída na formação das sociedades modernas”. Visto que estas são os “microespelhos”, local em que se reflete o nosso modo de lidar com os conflitos entre gerações, as expectativas e aspirações de projetos individuais, ou seja, nossos sonhos e fantasias, que são realimentados pelas magnas instâncias históricas constituintes das transformações da divisão social e sexual do trabalho e da participação das mulheres no cenário público. Este cenário é ocupado hoje por outros personagens - pessoas cuja expectativa de vida cresceu para 68,4 anos (IBGE, 1999).

Vale lembrar que, no início do século passado, essa perspectiva era de 33,7 anos, na década de 50 era 43,2, na de 60 ultrapassou os

57 anos e em 1980 atingiu 63,9 anos. Estudo realizado por Saad (1991), indica que a previsão da longevidade do brasileiro para o ano de 2005 será de 72 anos.

O aumento dessa população se deve, segundo Dátalo (2002), tanto ao avanço das pesquisas realizadas no campo da química e da biologia, aplicadas à medicina, como ao aparecimento de novas drogas, melhores condições sanitárias e planejamento familiar.

Nessa perspectiva, qual é o papel de quem conseguiu ultrapassar os 65 anos, em uma sociedade que insiste em fechar os olhos para a realidade que procuramos aqui espelhar? Como gerenciar bem o tempo de vida numa sociedade que, salvo algumas exceções, vem



ainda priorizando o novo, o efêmero, o fugaz e que materializa seus valores estéticos num corpo jovem, viril e sedutor? Como ter boa qualidade de vida numa sociedade em que não ser jovem significa ser descartável, fora de uso, tal qual uma bateria com duração programada cujo fim é o cesto de lixo sem possibilidades de reciclagem? Como lidar com a incontornável realidade do envelhecimento humano? Afinal, como reciclar a visão que se concretiza em práticas sociais discriminatórias, geradoras de angústia, depressão e um profundo sentimento de inutilidade e tédio?

Essas questões nos incomodam, mormente se dirigirmos o olhar aos diferenciados modos de tratamento entre as várias classes sociais e entre as gerações. Os jovens, de modo geral, não admiram os mais velhos.

As práticas sociais de pessoas ricas diferem das que não têm asseguradas suas necessidades básicas, como alimentação, habitação, saúde e acesso à escolarização.

Ser homem ou mulher também implica variações nos diferentes matizes de tratamento, podendo isto ser expresso, por exemplo, pela não aceitação de relacionamentos de mulheres mais velhas com homens mais jovens. Homens mais velhos, no entanto, que se envolvem com mulheres mais jovens são, até certo ponto, aplaudidos em razão de estar esse homem dando provas de poder e vigor sexual. São práticas que estão em permanente modificação. Os meios de comunicação e um

olhar atento ao nosso redor sinalizam algumas dessas mudanças. Todavia, a primazia dos meios de comunicação ainda é a da veiculação do culto à juventude, criando modos, padrões de beleza, em que o gosto pelas novidades se torna um princípio constante e passageiro, tal como o frívolo domínio da moda.

O culto ao novo, ao descartável abarca o humano em seu aspecto global. Na luta contra o tempo, o corpo não resiste a eficientes práticas cirúrgicas em busca de aparências mais jovens, tampouco as indústrias cosmetológicas conseguem tal prodígio. O fato é que envelhecemos. Nosso corpo fala e sua fala desvela a um só tempo a consciência das “instruções genéticas”, os sinais sutis das marcas dos controles sociais e o significado das experiências vividas, que constituem o que chamamos de nossa vida. Nossa vida inteira está aí, no presente, em cada átimo de nossa existência.

Na trajetória entre nascer e morrer percorremos a trilha do envelhecimento, que deixa transparecer os estatutos, as normas, os valores, e o modo como cada sociedade constrói seu olhar sobre a velhice. Buscando compreender a maneira de envelhecer de homens e mulheres, Bruns e Abreu (1997) elegeram o momento da aposentadoria para interrogar 50 mulheres e 50 homens, de várias classes sociais, acerca do significado que atribuem ao trabalho realizado no decorrer de suas vidas, e que projetos ancoram suas existências após a aposentadoria. Na atividade profissional, a pessoa concretiza



projetos e sonhos; no trabalho se identifica, se transforma e modifica suas relações com o mundo.

O mundo atual, tal qual o concebemos hoje, é resultado da ação do homem na busca da realização individual e coletiva. Os resultados dessa pesquisa revelaram que o trabalho é vivido de um modo desprazeroso, como um esforço ou obrigação. Para esses sujeitos a aposentadoria representa um alívio a um desconforto de 25, 30 anos de trabalho. Esse modo de se relacionar com o trabalho significa padecimento, encontrando-se aí as “marcas do fardo que foi carregado ao longo do tempo vivido”. Nos dizeres de Rubem Alves (1981) “Como deve ser sem sentido a vida de alguém que, após vinte e cinco anos de trabalho, se sente exaurido!”

A materialidade dessa exaustão pode ser identificada pela ausência de reelaboração e ressignificação de projetos, de um lançar adiante que dê sentido à existência após a aposentadoria. Parece-nos que a meta a cumprir, o limite a atingir dos colaboradores dessa pesquisa é a aposentadoria. Apesar de não chegar de improviso e de ser até esperada, a concretização da aposentadoria provoca as mais variadas reações. Expressões como: “Um alívio”, “Ufa! Me livre dos horários rígidos...”, “Como um prêmio”; “Com entusiasmo”, denotam uma sensação de alívio, como vai explicitado nesta fala: “consegui me livrar desse penoso trabalho, e cheguei à minha meta - a aposentadoria”.

Ao lado dessas expressões encontramos outras, que também representam um modo comum de experienciar as aposentadorias: “com muita tristeza”, “é sinal que estou ultrapassado”; “como um utensílio de cozinha no fundo do armário”. As convergências dessas formações discursivas estão enfeixadas num sistema de regras, normas e leis criadas e reproduzidas ideologicamente ao longo da história de nossa sociedade, cujo estigma de descartável materializa-se num corpo que, segundo essa visão, não atende mais às exigências produtivas de uma sociedade de consumo “que só reconhece o indivíduo na medida em que ele produz”, como diz Simone de Beauvoir (1970). A aposentadoria concretiza esse limite do corpo, que sofre as conseqüências de não ser reconhecido como produtor de mais-valia e, assim como uma mercadoria que tem seu tempo de uso vencido, deve ser retirado de circulação.

Desse modo, a sociedade cria as categorias de homens produtivos e improdutivos, ideologicamente considerados como atributos comuns e naturais. Essa perspectiva encobre a ausência dos desempregados, não só dos jovens desqualificados profissionalmente como dos altamente qualificados - psicólogos, médicos, físicos, biólogos - ocultando, assim, as diferenças de classe social e a caótica condição de um mercado de trabalho, que reflete as necessidades concretas da sociedade e do momento histórico. Tal perspectiva encobre,



ainda, o fato de que os assalariados aposentam, mas passam a realizar “bicos” ou biscates para enfrentar despesas básicas, como alimentação, moradia e saúde.

Em relação aos projetos após a aposentadoria, encontramos as seguintes expressões em relação ao futuro: “Ah! Não pensei nisso ainda!;” “Ainda não tenho planos”; “Meus planos? Continuar trabalhando”; “Penso em viajar, andar bastante para ter um final feliz”; “Meus planos?

Encontrar outro emprego, questão de sobrevivência”. Essas formações discursivas mostram que as pessoas encontram dificuldade para um olhar à frente da aposentadoria, mesmo quando o trabalho realizado não tenha sido uma possibilidade de expressão e comunicação criadora e/ou, por isso mesmo ocorra tal situação. Parece que esse modo de ser rouba o sentido autêntico de utopia, que significa não algo inatingível, mas algo por que se anseia, ainda que não tenha sido alcançado.

O trabalho realizado nessas condições alienantes resume-se na espera da aposentadoria, que representa ilusões de liberdade. Quando o momento azado chega, no entanto, pelo fato de a pessoa ter sido condicionada a realizar um trabalho rotineiro, alienante, repetindo, reproduzindo sempre, não lhe é permitido visualizar um gerenciamento criativo de seu próprio tempo sempre gasto em um fazer rotineiro. Esse modo de ser concretiza-se em práticas sociais de acomodação. Nessas condições de alienação, os projetos para vivenciar uma qualidade de vida mais espontânea, erótica e lúdica não passam de um “esboço provisório” para ser testado, quem sabe, após 25, 35 anos de dever cumprido. É por essas condições de trabalho, portanto, que tais formações discursivas, denotadoras de surpresas, estão amparadas: “Meus planos?! Andar bastante para ter um final feliz”

Nesse momento, retomo as questões que nortearam esta reflexão e indago: como rever, como recriar esse modo de envelhecer, que



nos tem sido legado por uma sociedade que sinaliza o modelo de humano com os mesmos parâmetros que utiliza para substituir e/ou produzir a última embalagem de um produto que ainda não foi sequer criado?

O propósito do projeto de homem, que vem se perpetuando ao longo de décadas no Brasil, precisa ser revisto pelas instâncias educacional, empresarial e políticas, a fim de se criar um espaço para rever as práticas profissionais, oriundas desse modelo de projeto profissional, que vêm desencadeando o stresse, a depressão e tantas outras perturbações psicossomáticas.

O trabalho compreendido por nós como uma das possibilidades de construção do ser humano deve permitir-lhe autonomia em todas as atividades nas quais está imerso o homem, como condição do próprio existir, ou seja, cabe ao homem viver a fase produtiva com o mesmo sentido de vida plena, que fantasia poder viver após a aposentadoria. A competência profissional deve proporcionar-lhe condições de autonomia na criação de um espaço para o lazer e o convívio prazeroso com os familiares. O diálogo entre as gerações precisa ser instituído a fim de enriquecer metas e projetos individuais, que visem uma administração qualitativamente melhor de nosso tempo de vida.

Precisamos ser perseverantes e lutadores diante dos obstáculos e contratempos que ora são vivenciados pelos idosos. As denúncias, sejam elas em nível de pesquisa, uma vez que as reflexões teóricas poderão se infiltrar nas

brechas do sistema descontruindo, assim, as amarras que tanto nos aniquilam em relação ao papel do idoso nesse momento atual, sejam as denúncias em relatos de organizações não governamentais, todos precisamos assumir a parcela de responsabilidade em direção à criação de novas práticas, cujos significados, representações e desejos sejam ampliados e atinjam a todos. Nessa perspectiva, o processo da aposentadoria poderia ser repensado pelas empresas de tal modo a permitir uma reflexão em seus funcionários de modo que pudessem visualizar a elaboração de outros projetos. Com raras exceções, todavia, observamos nas pesquisas, na clínica e no convívio com o aposentado um profundo sentimento de inutilidade, introjetado por ele próprio e reforçado pelos valores sociais e políticos vigentes.

Esse modo de ser é tão profundo e nefasto que, por exemplo, alguém que é administrador de empresa, que se dedicou durante 35 anos a essa profissão, ao se aposentar não se percebe mais como um administrador e sim como um aposentado, improdutivo, alguém que não tem mais nada a oferecer à sociedade. Ao ser indagado sobre qual sua profissão, por certo responderá ser um aposentado. Outra situação bizarra e muito comum em nosso meio é a daquelas pessoas que, conhecedoras das condições de regime de trabalho, replanejam seus projetos de vida tendo em vista atingirem outras e infinitas metas após a etapa da aposentadoria e, com muito vigor, iniciam e desenvolvem



com sucesso outras atividades laborais. Essas pessoas provocam e desencadeiam surpresas em muitas outras, quando estas lhes indagam: “Ei! Você não está aposentada? E por que estão trabalhando?” Com isto querem dizer que só trabalha quem não é aposentado, mais uma contradição, por sinal muito pertinente. Essas mesmas pessoas olvidam que somos governados, dirigidos por políticos que, em sua maioria, são aposentados. Não me refiro “às suas aposentadorias” referentes aos seus mandatos, pois são mazelas de um sistema político doentio. Refiro-me àqueles que estão gerenciando nações e que possuem mais de 60 anos. Caberia aqui a mesma questão: “Ei! Como você elege um aposentado para liderar uma nação?”

Diante dessa realidade, cabem as seguintes indagações: Que imagem espelhamos para os jovens? Como reverter, modificar esse paradigma? Como estabelecer um convívio amigável entre as gerações? Como contribuir para a dissolução de estigmas e preconceitos em relação ao processo de envelhecimento?

Individualmente, acredito que seja possível uma reavaliação dos mais velhos em relação a seus atos em relação aos mais jovens. Posturas compreensivas com os jovens auxiliam no combate à segregação entre as gerações e permitem a dissolução de preconceitos ao processo de envelhecimento. Diálogos veiculando ações positivas em relação à execução do próprio projeto profissional que tenham escolhido no decorrer da existência são bem-

-vindos para os jovens. Dirigir a atenção para os atos criativos e afetivos na convivência familiar e social, surte efeitos benéficos para a formação e manutenção de nossa auto-imagem, permitindo desse modo, a criação de atos de partilha. Esse modo de ser é uma conquista que deveria ser alcançada.

Outro aspecto importante para conviver com o processo de envelhecimento é aceitá-lo como condição existencial, visto que só envelhecem aqueles que tiverem o privilégio de não morrer quando crianças ou quando jovens. Isso pode soar como óbvio e é para alguns, mas para outras pessoas essa certeza é uma novidade. Baseando-nos na concretude da realidade humana é oportuno desenvolver a atenção para os vários fatores desencadeadores do estresse, mas deve-se também ficar atento ao nosso modo de perceber e de reagir aos fatores estressantes, já que cada pessoa reage de modo singular a cada um desses fatores. Faz-se necessário dizer que pessoas que não conhecem o estresse desenvolvem o tédio e, conseqüentemente, o estresse doentio. Não se pode fugir a um mínimo de estresse.

Segundo Khalsa (1997), para a pessoa se manter num nível de estresse bem-sucedido é preciso encarar os fatores estressantes como desafios e não como problemas. Ao encarar desafios, nosso cérebro se engaja em raciocínios criativos, cuja química criará novas conexões sinápticas, que auxiliarão nossa disposição para um aprendizado contínuo. Nesse momento



teremos, por certo, descoberto que o prazer ou o desprazer que sentimos pelas experiências dependem do sentido e dos significados que lhes atribuímos. É imprescindível aprender a conviver com a incontornável realidade humana que é o envelhecimento. Ao conquistar esse modo de ser, seremos capazes de ressignificar o “vazio” que habita a alma humana, na trajetória entre o nascer e o morrer, nesse espaço a que chamamos vida. Assim, viremos a compreender que somos seres finitos e que a eternidade foi sempre um sonho que o homem sonhou, repetindo-se na “carne” dos deuses do Olimpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. - Conversando com quem gosta de ensinar. São Paulo: Cortez, 1982
- BEAUVOIR, S. - A Velhice: as relações com o mundo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BRUNS, M.A.T. & ABREU, A.S. O envelhecimento: encantos e desencantos da aposentadoria. Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais - OBOP, v.1, n.1, 1997.
- DÁTILO, G.M.P.A. A educação e orientação do cidadão de idosos dependentes. 2002. 134p. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE, 1999. In: Folha de São Paulo, 02 de dez. 2000.
- KHALSA, M.D.; S.D. & STAUTH, C. Longevidade do cérebro, Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- SAAD, P.M. Tendências e conseqüências do envelhecimento populacional no Brasil. In: A população idosa e o apoio familiar. São Paulo: SEADE, 1991, (Informe Demográfico, n. 24)
- VAISTMAN, J. Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Passa sede e tem fome
Não tem chuva neste lugar

A fome que traz dores
A seca os vai liquidar
É preciso que o Senhor Deus
Mande chuva pra ajudar

...
É preciso que nosso Deus
Olhe para este lugar
Derrame chuva do céu
Pra terra não se rachar
Somente neste deserto
Sofrimento não dá pra contar
É preciso o Senhor ter pena
Do povo do Ceará

uimarães

ARTE COM PALAVRAS



A Construção de uma Pedagogia para o Idoso

TERESINHA MARIA
NELLI SILVA

Pedagoga, Mestre e Doutora em
Educação pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo.

“A história de cada um é reveladora de como a vida é construída e de como é importante a prática da educação permanente para a garantia de uma velhice bem vivida, ou seja, para a formação de uma mente crítica apta a perceber as mudanças sociais e adaptar-se a elas. Uma pedagogia para o envelhecer, quando várias portas são fechadas, considera o significado do redescobrir novos caminhos como importante ação educativa”.



Entenderemos esta pedagogia como uma reflexão sobre a educação na velhice e que sob a ótica de uma situação limite cria contornos específicos que exigem esforços individuais para vencer as novas dificuldades. É possível mudar hábitos, crenças, comportamentos, atitudes que nos ajudem a viver melhor a velhice? Os avanços na ciência oferecem perspectivas animadoras para reverter o quadro desolador do envelhecimento. Sabendo-se da precariedade com que a sociedade trata o idoso, há muito que fazer e dizer para um avanço social nessa área.

A solidão, a perda da autonomia, o afastamento da vida produtiva, a discriminação social, a perda da saúde e tantos outros percalços, somam-se para afligir os que envelhecem. É preciso preparar-se para enfrentar tais problemas e encontrar saídas e soluções compatíveis. A história de cada um é reveladora de como a vida é construída e de como é importante a prática da educação permanente para a garantia de uma velhice bem vivida, ou seja, para a formação de uma mente crítica apta a perceber as mudanças sociais e adaptar-se a elas.

Os meios de comunicação, as Universidades, muitas outras instituições, tem se ocupado dessa população cada vez mais numerosa e pronta a consumir produtos culturais. Abrem-se centros de convivência, divulgam-se informações, organizam-se cursos, criam-se espaços recreativos e artísticos para atender a uma demanda cada vez maior de pessoas interessadas em ocupar seu tempo livre.

A idade da finalização coloca questões existenciais específicas e dar respostas a elas não é uma tarefa fácil. Como reagir ao marasmo, à rotina, à mesmice do cotidiano? De onde tirar forças para continuar vivendo com garra, tenacidade, entusiasmo em situações de limitação física, social e econômica? De onde extrair a coragem e superar o revés que leva ao desânimo e ao vazio existencial? Não estamos preparados para aceitar rupturas afetivas, perdas de prestígio social, afastamento do trabalho produtivo e ainda ter que recomeçar uma vida diferente da vivida até então.

Uma pedagogia para o envelhecer, quando várias portas são fechadas, considera o significado do redescobrir novos caminhos como importante ação educativa. Trata-se uma proposta inovadora cuja execução é uma tarefa individual que implica mudanças de hábito, aquisição de novas habilidades, atualização de conhecimentos e convivência grupal.

Para os que saíram do mercado de trabalho com um arsenal de experiência que sempre incluiu a profissão como centro de tudo e fonte de bem material, prestígio, posição social, é hora de repensar e reconstruir um novo espaço de atuação. Nesse sentido, programas de preparação para a aposentadoria desenvolvidos por algumas empresas são conquistas que precisam ser ampliadas, já que cumprem uma função social de assistência ao trabalhador inativo.

O indivíduo está inserido na família, na cultura, em um período histórico e é perturba-



dor perceber o descaso da família, da sociedade que os afasta quando não há mais o que tirar dele depois que deixou de ganhar dinheiro com seu trabalho. A luta por um espaço social acirra-se na velhice e revela o processo desumanizador instalado na teia social: os menos favorecidos sofrerão mais e necessitarão da tutela do Estado para a sua sobrevivência.

O ser humano ao cristalizar hábitos, normas e costumes cria amarras incômodas que marcam as diferentes gerações. O velho é caracterizado pelo tempo que passou e o representa em seu modo de pensar e agir. Todavia, fazer a leitura do seu tempo e estar atualizado com o que se passa no mundo é caminhar junto com a humanidade no seu destino histórico. A representação negativa

da velhice cede lugar ao envelhecimento ativo como proposta que convida o idoso a lutar pelo seu reconhecimento social.

O prolongamento da vida, fenômeno do mundo moderno, é resultado da diminuição dos índices de natalidade e mortalidade e tem provocado forte impacto social, político, econômico e cultural. A realidade do Terceiro Mundo difere do cenário das sociedades desenvolvidas quanto a políticas que atendem as necessidades dos idosos. A exclusão social da velhice economicamente menos favorecida resulta do baixo poder aquisitivo, da aposentadoria irrisória, do desemprego, da dificuldade de acesso a bens culturais e das perdas de papéis sociais.

Face às diversidades socio-econômicas,



aos contrastes regionais e às características individuais, constatamos a existência de uma velhice heterogênea. Sobre o processo de envelhecimento incidem inúmeros fatores biológicos, psicológicos, sociais, culturais que serão determinantes na qualidade de vida.

Muitos conseguem atingir idade avançada sem problemas graves de saúde podendo se manter com autonomia e lucidez, enquanto outros precocemente são vitimados por doenças incapacitantes. O paradigma do envelhecimento ativo repensa a participação social do homem, sua contribuição à construção de uma sociedade justa e o seu direito a viver com plenitude todas as fases de sua vida. A imagem da velhice associada a dependência, incapacidade, inatividade, declínio é um estereótipo que oculta mecanismos de discriminação e impede o acesso ao mercado de trabalho e a bens culturais.

A sociedade moderna acordou para a problemática do envelhecimento. Os movimentos sociais tiveram papel decisivo ao influenciar os governos a formular políticas para a população idosa. No Brasil, a política nacional do idoso expressa na lei federal 8.842, de 04 de janeiro de 1994 não se efetiva por falta de recursos e de uma pressão organizada do próprio idoso. Falta ao idoso tomar consciência de sua força política fazendo valer os direitos conquistados.

As necessidades dos idosos são muitas e a ONU, na I Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, em 1982, elaborou um docu-

mento com recomendações sobre esta matéria, ratificadas na II Assembléia realizada em 2002. Assim, qualquer país interessado em formular políticas sociais para a velhice deverá atuar nas seguintes áreas: promoção e assistência social, educação, saúde, trabalho e previdência social com ações voltadas para a convivência entre gerações, lazer e atividades comunitárias.

A área de atuação que se fez rapidamente notar foi a cultural e educativa efetivadas nos Centros de Convivência de Idosos com atividades de lazer, geração de renda e cultura. O SESC (Serviço Social do Comercio) trabalha desde 1963 com centros de convivência e sua iniciativa pioneira sensibilizou o governo federal nesta direção. Criaram-se novos centros por todo o país com apoio técnico e financeiro do governo federal e das prefeituras municipais. Outras entidades como o SESI (Serviço Social da Indústria), ACM (Associação Cristã de Moços) interessaram-se por este tipo de trabalho com o idoso, assim como sindicatos, empresas, paróquias, clubes esportivos, associações de moradores dos bairros, ampliando o número de pessoas neste programa.

O Centro de Convivência com enfoque no lazer favorece o contato interpessoal e grupal, desenvolve a sociabilidade, a criatividade, a auto-estima e quebra o isolamento do idoso. As atividades incluem, entre outras: coral, teatro, conjunto musical, exercícios físicos, jogos de salão, festa e comemorações. Este espaço social criado para ocupar o tempo livre trouxe mudança de hábitos e atitudes na vida



cotidiana do idoso substituindo a inatividade pela atividade, o isolamento pela convivência, o ócio pelo lazer.

A Universidade da Terceira Idade, outra das ações, constitui-se na proposta mais recente de trabalho sócio-cultural com idosos. A experiência bem sucedida conduzida pelo prof. Pierre Vellas com a primeira Universidade Aberta, em Toulouse, França, em 1973, inspirou o mundo todo a implantar ações desta natureza. No Brasil, em 1990, a PUCCAMP (Campinas/SP), foi pioneira e atualmente, inúmeras outras Universidades de Terceira Idade surgiram por todo o país.

De um modo geral, são cursos de extensão cultural criados nas Universidades com duração de dois, três anos e cabe ao aluno escolher as disciplinas oferecidas. Há um rol de matérias no currículo proposto: sociologia, antropologia, política, história, filosofia, psicologia, direito, geriatria, história da arte, folclore, saúde e alimentação, recreação, lazer, arte, terapia corporal, línguas estrangeiras. Este tipo de curso atrai, especialmente, pessoas da classe média, interessadas em ocupar o seu tempo livre com uma programação cultural acadêmica.

A USP (Universidade de São Paulo) tem uma proposta diferenciada, os cursos do projeto Universidade Aberta à Terceira Idade são gratuitos e as vagas fazem parte de determinadas disciplinas nas unidades de ciências exatas, biológicas e humanas. O aluno pode escolher a unidade que deseja frequentar:

Escola de Comunicações e Artes, Educação Física e Esporte, Economia, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Psicologia, Saúde Pública, Matemática, citações que não esgotam, mas exemplificam a gama de opções oferecidas em dois semestres. O objetivo é possibilitar ao idoso aprofundar conhecimentos em áreas de seu interesse convivendo com os alunos universitários nas salas de aula. Além da inscrição nas disciplinas regulares, atividades complementares didático-culturais e físico-esportivas complementam o currículo formal. Os inscritos têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e exercitar a convivência com a geração jovem.

A presença dos idosos na Universidade é importante porque reunidos fazem-se visíveis como categoria etária. Dispersos, desorganizados e improdutivos não representam uma força política e são ignorados pelo poder público. Esta visibilidade é necessária, portanto, para mudar a imagem social negativa da velhice.

A politização do currículo se atinge pela via acadêmica quando o projeto específico para a Terceira Idade volta-se para a conscientização do papel político e social dos velhos. É necessário valorizar o potencial de experiência, ação, participação e organização do idoso na construção de sua cidadania.

O Significado do Lazer para uma Pedagogia do Idoso.

A idéia do tempo centrado no lazer e não mais no trabalho remunerado traz uma



revolução em nossa cabeça por colocar novos parâmetros para a ação. Pensar o lazer como um trabalho de construção do tempo livre é permitir-se um planejamento criativo e ser responsável por sua execução.

O lazer enquanto proposta pedagógica para a Terceira Idade é uma forma de trabalhar o tempo com criatividade, planejamento, compromisso pessoal. Reordenar o próprio tempo no dia, no mês, no ano implica em tomar decisões contínuas sobre o que fazer, não fazer, desfazer tendo as próprias necessidades e interesses como referencial de escolha. Nesse caso, a construção do tempo livre não se prenderá a padrões e rótulos impostos pela indústria cultural. Será um programa educativo voltado para aprendizagens significativas estimulando a inteligência, a capacidade de agir e o desenvolvimento das potencialidades. Neste enfoque, o eixo é o idoso, o seu bem estar. As prioridades estabelecidas voltam-se para o que gosta de fazer, o que lhe causa alegria, o que o deixa bem humorado.

Muitos ao envelhecer dedicam-se a uma preparação espiritual mais elaborada e se aproximam de Deus pela religião. Há os que encontram na fé a força para enfrentar as vicissitudes e trilhar difíceis caminhos com serenidade. Outros escolhem a filantropia e doam o seu tempo para alguém ou grupo com o objetivo de ser útil ao próximo. Há os que preferem a prática social pelo caminho político e se envolvem na luta pelos direitos sociais,

participam de sindicatos, sociedade amigos de bairro, enfim são militantes de alguma causa. Os que se interessam por cultura produzem ou consomem literatura, apreciam pintura, artes plásticas, teatro cinema, etc. O que valoriza o trabalho corporal escolhe o que lhe convém: ginástica, caminhada, natação, práticas orientais e assim por diante. Também, há a opção de descobrir novos interesses, assumir novas atitudes, rever valores, enfim renovar-se para não ser rotulado de ultrapassado.

O tempo livre é um convite à educação. Volta-se a estudar, freqüentar cursos e o estudo, agora, tem outro sentido e objetivo. Procura-se a escola não mais para cumprir a rotina de provas, exames, seriação, obtenção de diploma e sim para estabelecer canais de comunicação com a sociedade. A educação é um caminho de reintegração social, dado que a perda de funções deixa o idoso com um mínimo de alternativa de atuação social. O que se pode ressaltar nesta volta é o interesse pelo caráter qualitativo formador da educação.

Tratando-se de retorno espontâneo, opcional aos estudos, a concepção curricular traz outra conotação. Os idosos assumem o currículo da sua formação, escolhem o que querem aprender, não mais por imposição do sistema de ensino ou do mercado de trabalho, mas para adquirir conhecimentos que o interessam.

O projeto educativo inclui um amplo leque de setores: o lingüístico, o literário, o



musical, o artesanal, o corporal, o filosófico, o religioso, o social, o folclore, o artístico que favorece a formação de grupos por interesses comuns e permite o intercâmbio com outros grupos etários. O trabalho educacional compete à sociedade como um todo. O poder público, a família, a igreja, a comunidade, ou qualquer outra instituição pode assumir o papel educador.

O processo de escolarização brasileira, ainda que submetido a sucessivas reformas, é conservador. O ensino verbal, informativo, divorciado da realidade, não está formando para a cidadania. O resultado é um sistema de ensino distante da democracia. O sistema formal de ensino privilegia a criança, o adolescente, o adulto. O idoso só recentemente vem conseguindo espaço. A realização pessoal, o ganho em auto-estima, a ocupação do tempo livre são argumentos válidos na defesa dessa ação nas sociedades desenvolvidas.

A educação de idosos insere-se na educação de adultos e sua especificidade resulta da comunicação estabelecida na convivência entre pares. É preciso assegurar que a comunicação seja aberta, participativa incentivando a oralidade. O imaginário, os sentimentos, as experiências de vida, os testemunhos são estimulados como veículos de transmissão e produção cultural. O conhecimento teórico-prático, ingênuo ou reflexivo obtido oralmente ou por escrito contribui para estabelecer a identidade cultural de um grupo etário e para

sua inserção social.

A procura de um sentido para a vida é fundamental para a realização do ser humano em qualquer idade. A idade da finalização ganha o seu sentido quando há motivação e incentivo para agir. A desistência da vida é um veneno lento que conduz a inércia e ao ócio.

A capacidade de gerir a própria vida com independência, autonomia garante ao idoso uma vida normal. Não havendo limitação séria, a capacidade funcional estando resguardada, a idade cronológica não é o critério para se avaliar o envelhecimento saudável. Há um número cada vez maior de pessoas em atividade constante atestando boa saúde obtida com medicina preventiva e educação permanente.

A Organização Mundial da Saúde agrupou os idosos em subgrupos: dos 60-69; dos 70-84; dos 85 anos em diante. A longevidade fez surgir uma quarta idade e ao se prolongar o tempo de vida surge à responsabilidade social de oferecer alternativas para um envelhecimento ativo para todas estas faixas etárias.

A ideologia da produção e do consumo avalia as pessoas por sua contribuição à economia e o idoso é penalizado por ter se afastado dela. É preciso um outro paradigma que utilize o parâmetro bio-psico-social e não a ótica do capital para que o idoso seja reconhecido por seu valor humano.

A velhice estudada do ponto de vista médico enfocando suas carências físicas, mentais permite avançar na prevenção e tratamento das



enfermidades. São muitos os que necessitam de assistência médica e social do Estado em razão de doenças incapacitantes em todas as faixas etárias, principalmente na velhice. Dentro do conceito de capacidade funcional, o idoso deve ser avaliado através de critérios abrangentes como indicadores físicos, emocionais, cognitivos e sociais.

O ciclo da vida humana é resultado de um processo de desenvolvimento contínuo e patologias graves podem atingir pessoas nas diferentes idades. Por que, então, associar velhice com a imagem de decadência? A tradição reproduz a estrutura social desigual através dos tempos. Por trás dessa exclusão está um sistema político e econômico que prefere a força jovem no mercado de trabalho e desliga os mais velhos da produção. Novos estudos e pesquisas, se direcionados para desmistificar os tabus do envelhecimento poderão contribuir para uma nova visão deste último ciclo de vida e promover sua inserção social.

Há um enorme contingente de idosos com tempo disponível e vontade de contribuir com serviços à comunidade. As lideranças da Terceira Idade têm poder para organizar e mobilizar pessoas para ações comunitárias chamando-as para trabalhos educativos, participação em campanhas de saúde, prestação de serviços em feiras para angariar fundos, festas cívicas e tantas outras.

A população de baixa renda é a mais esquecida pelo poder público. Os idosos deste segmento social trabalham, enquanto

podem, para escapar da dependência familiar. Eventos que o incentivem a ganhar o seu sustento devem prever locais apropriados para expor e comercializar os seus trabalhos e serviços. Feiras, Exposições, Mercados contribuem para divulgar trabalhos artesanais e coloca-los no mercado. Os cursos para ensinar trabalhos em couro, madeira, metal, fibra, cerâmica ocupam o tempo livre em novas aprendizagens e seus rendimentos podem vir a complementar a renda familiar. Atividades envolvendo o plantio e a criação de animais podem ser lucrativas, se houver o escoamento da produção em Cooperativas.

O trabalho voluntário preenche a necessidade de se sentir útil e ao mesmo tempo propicia uma contribuição social a causas humanitárias.

As Organizações Não-Governamentais (ONGS) oferecem trabalhos de excelente qualidade, na luta por temas sobre a paz, ecologia, minorias étnicas, miséria, violência e muitos outros. A questão da velhice é também objeto de tais organizações.

O Valor Pedagógico das Lembranças

Os idosos freqüentemente utilizam a memória. As reminiscências são comuns entre os idosos que apreciam reviver o passado em suas conversas com familiares e amigos. A tradição oral é uma marca de nossa cultura popular e por ela a memória social garante sua continuidade de uma



geração para outra. Sob este ângulo é possível um trabalho educativo conduzido como uma reconstrução da história que é de cada um e simultaneamente de todos que pertencem à comunidade.

O trabalho com reminiscências é adotado na Europa, nos Estados Unidos e recentemente no Brasil. Esta prática pode ser desenvolvida em instituições asilares, unidades de saúde, centros de convivência. O relembrar promove a comunicação e resgata a importância de pessoas e grupos que por uma razão ou outra encontram-se em situação de isolamento social.

A reflexão sobre o conteúdo da reminiscência deve suscitar questões sobre o presente

e fazer surgir uma nova percepção e compreensão da realidade. Este saber crítico trabalhado em depoimentos e vivências recupera a história individual e a situa na comunidade em que se vive. Trabalhar a memória como autobiografia é revelar a própria identidade e o modo como foi construída de modo coletivo. Nessa construção do conhecimento socializado a subjetividade é revelada quando todos podem expressar suas reminiscências.

Esse trabalho pode envolver grupos da mesma faixa etária e neste caso teremos idosos interagindo nas diferentes atividades trocando suas lembranças. O efeito educativo é trazido pelo papel integrador e unificador do grupo



marcado por afinidades sócio-culturais,

No convívio entre as gerações são formados grupos heterogêneos e a troca é positiva pelo choque cultural causado pela diferença etária. Surgem retratos diferentes que contrapõem o passado e o presente revelando as mudanças que ocorreram na sociedade quanto a usos e costumes. O progresso científico e tecnológico mostra a velocidade com que devem ser assimiladas tais aquisições para a adaptação ao cotidiano. Os computadores e outros aparelhos eletrônicos trazem informações que precisam ser incorporadas, pois são utilizados em bancos, estações, supermercados, residências e escolas.

As repercussões sobre o comportamento social fazem-se sentir nas convenções e normas sociais. O proibido e o permitido não são os mesmos do passado. As gerações se distanciam uma das outras por rupturas, crises que as atingem de modos diferentes. Os jovens provocam rupturas para sair da infância e atingir a vida adulta. Para isso, questionam o modelo familiar e social que recebem e assim constroem sua identidade. Tal reação é afirmativa e condiz com a transição etária pela qual estão passando.

A crise do idoso surge com a ruptura com o trabalho pela aposentadoria, com a perda de papéis sociais pela idade, a exigir dele uma reafirmação social que lhe é negada e pela qual terá que lutar para abrir um espaço. Ao aproximar diferentes grupos etários é preciso estar atento às suas peculiaridades para que o objetivo da atividade proposta desperte



interesse comum.

Propor subsídios para a construção de uma pedagogia do idoso implica em analisar os determinantes sociais, culturais, educacionais impregnados na tradição geradora da ideologia que aprisiona um determinado grupo social a um legado social injusto e discriminador.

É preciso penetrar em todos os escani-



nhos que obstaculizam a reintegração deste grupo na sociedade para desvelar a reprodução social e cultural. Há que se proceder à reformulação do ensino reconstruindo conhecimentos, práticas e teorias para se chegar a uma pedagogia transformadora.

Uma pedagogia transformadora está direcionada para a experiência vivida, pautada no senso comum, na realidade do cotidiano e

necessita um trabalho de desvelar problemas, situações, de recriar, reinventar o dia a dia do idoso despertando o senso crítico modificando atitudes, hábitos, práticas. Esta pedagogia está em construção e se efetiva pelo trabalho lento e contínuo de educadores comprometidos com a causa social e dispostos a lutar em todas as frentes e com os instrumentos disponíveis para derrubar tabus e mitos do envelhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, S. de - A velhice: realidade incômoda. São Paulo: Dif. Européia do Livro, 1970.
- BOSI, E. - Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Queros, 1983.
- CAÇÃO, J. de - Envelhecer no século XX. Gerontologia, São Paulo, vol.V, n1, p. 40, mar. 1997.
- FERRARI, M.C. - O envelhecer no Brasil. In: O Mundo da Saúde. São Paulo, Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, vol.7, n.3, p. 144-149, set. 1999.
- FERRIGNO, J.C. - Grupos de reflexão sobre o envelhecimento: uma proposta de reconstrução da autonomia de homens e mulheres na Terceira Idade. Gerontologia, São Paulo, vol. VI, n.1,p.27-33, mar. 1998
- GIUBILEI, S. - Uma Pedagogia para o Idoso. A Terceira Idade, São Paulo, ano, n.7, p. 10-14, jun.1993:
- GOLDMAN, F.P. & GOLDMAN, D. M. - Problemas brasileiros: alguns aspectos sobre o processo de envelhecer. Piracicaba: Franciscana, 1977.
- LEPARGNEUR, H. Os desafios do envelhecimento. O Mundo da Saúde, São Paulo, EDUNISC, ano 23, v. 23, n.4, p. 230-244, jul/ago 1999.
- MAGALHÃES, D.N. - A invenção social da velhice. Rio de Janeiro: Papagaio Ltda, 1989.
- RODRIGUES, N. C. - A prática pedagógica junto ao idoso. A Terceira Idade. São Paulo, ano v, n.7, p. 45-49, jun. 1993.
- SALGADO, M.A. - Velhice, uma nova questão social. São Paulo: SESC-CETI, 1982. (Biblioteca Científica, Série Terceira Idade,1)
- SESC.DR.SP. Lazer numa sociedade globalizada: Lazer in a globalized society. São Paulo, SESC/WLRA, 2000. 628p.
- SILVA, T. M. NELLI - A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador. São Paulo: E.P.U., 1990.
- SOUZA, E. M. - Reminiscências: o papel social das lembranças. Gerontologia, São Paulo, vol. 7, n 2, p. 28-31, jun.1999.



“Propor subsídios para a construção de uma pedagogia do idoso implica em analisar os determinantes sociais, culturais, educacionais impregnados na tradição geradora da ideologia que aprisiona um determinado grupo social a um legado social injusto e discriminador”



Corpo e Envelhecimento

JUBEL RAIMUNDO
CARDOSO

Professor de Educação Física e
Gerente do Sesc de São José dos Campos.

“As pessoas não ficam velhas.
Quando param de crescer é
que envelhecem”
Anônimo

“A exagerada valorização do corpo jovem - resultado do apreço pela eficiência na produção e pela força física - contribui para a depreciação do corpo idoso. O prolongamento da expectativa de vida torna imprescindível manter-se mental e fisicamente ativo a fim de reduzir o ritmo de perdas e funções, contribuindo, portanto, para a independência e capacitação do idoso no desfrute, com qualidade, de seus anos de vida”.



Nós, seres humanos, estamos imersos o tempo todo em afetos. Todas as trocas que fazemos estão impregnadas por eles. Por isso, precisamos selecionar o que é bom e o que não é. Quando atingimos a Terceira Idade já possuímos um “know-how” para fazer esta seleção com mais segurança.

Ter raiva, entristecer-se, sentir medo, insegurança, inveja, sentir-se rejeitado ou amado, sentir prazer ou sentir-se carentes são experiências que não estão soltas, mas têm um referencial no corpo. É do conhecimento de todos que um corpo bem estruturado dificilmente adocece ou perde seu sentido de identidade.

Assim, à medida que a idade vai chegando, coloca-se mais ainda a necessidade de se trabalhar o corpo, para que se continue criando novos comportamentos que respondam às situações presentes em nossa vida (FAVRE, 1993).

Para iniciar esta comunicação cito Chopra, professor de Medicina nos USA, que no livro *Corpo sem Idade, Mente sem Fronteiras*, afirma o seguinte: “Não somos vítimas do envelhecimento, da doença e da morte. Essas coisas são parte do cenário e não daquele que vê, o qual está imune a qualquer forma de mudança. Este que vê é o espírito, a expressão do ser eterno” (CHOPRA, 1998).

O envelhecimento, sendo parte do cenário, é um estágio vital e natural no ser humano, com mudanças físicas, psíquicas e sociais peculiares a cada indivíduo. No ciclo natural da vida, a velhice é a última fase do período da

existência.

Segundo autores e especialistas, estudar o envelhecimento significa analisar fatores biológicos, psicológicos e sociais. Gaiarsa (1986) destaca a velhice sob o ponto de vista biológico, como se fora um envelhecimento e gradual enrijecimento das estruturas e funções fisiológicas. Quatro processos do envelhecimento são citados:

- adensamento ou espessamento da maior parte das estruturas corporais devido à ação dos radicais livres, que estabelecem ligações anormais, tanto no interior das moléculas como nas ligações entre elas;
- a gradual desidratação do corpo com o processo do envelhecimento. Enquanto nos recém-nascidos a água responde por mais de 80% do peso do corpo, na velhice pode responder por 40% ou menos;
- alteração dos ácidos nucléicos - destas alterações decorrem erros na produção de todas as proteínas orgânicas e,
- o quarto fator, o acúmulo de resíduos em numerosas células.

As mudanças físicas, psíquicas e sociais conduzem à modificação da imagem que a pessoa tem de si mesma diferindo de um indivíduo para outro, com seu ritmo próprio de envelhecimento orgânico, psíquico e neurológico, os quais estão sujeitos a determinantes hereditários ou influências do meio ambiente.

Isto posto, convém lembrar que envelhecer é tornar-se um ser maduro e conservar



essa maturidade é tarefa extremamente difícil. Envelhecer é aceitar o inaceitável, isto é, aceitar a perda gradual das funções orgânicas, sociais e psico-emocionais.

Nos idosos, as crises e problemas psicológicos ligados ao envelhecimento estão relacionados às perdas de papéis, às múltiplas situações estressantes, à fadiga, às frustrações, traumatismos estes que diminuem sua capacidade de concentração e reflexão. A velhice é uma situação de crise.

Quando se fala de idosos, a individualidade e suas variáveis estão presentes. A idade orgânica, o sexo, as características hereditárias, o grau de educação, o “status”, a cultura e a profissão, entre outros dão o caráter único que

cada indivíduo possui.

Se o envelhecimento, como sabemos, é gradativo e processual desde que nascemos, para alguns é lento e para outros é mais rápido. Não há padrão, pois o envelhecimento está ligado a vários fatores, como causas orgânicas e externas (o tipo de profissão, o stress, a poluição, o ambiente, entre outros). O envelhecimento é um processo biológico, faz parte do nascer, desenvolver-se, perder as capacidades e morrer.

Corpo e Mudanças

É através do corpo que recebemos sensações que são transformadas pelo cérebro em percepção e, posteriormente, enriquecidas pelo conhecimento e desenvolvimento



intelectual.

O corpo passa por vários processos desde o estado intra-uterino até a morte, e nunca está concluído como um todo. Esse processo é individual e se desenrola durante toda a vida, com aprendizagens e mudanças sucessivas e cumulativas.

Na primeira fase da vida (infância), desde o nascimento o indivíduo passa pelo processo de crescimento e desenvolvimento que culmina com a passagem para a puberdade ou adolescência, marcada por modificações orgânicas, por ritos e iniciações, de acordo com a cultura em que vive. Nesta fase observa-se um certo conflito no indivíduo: não é mais criança, mas também não é adulto.

O desenvolvimento físico é bastante acentuado e acarreta uma necessidade de configurar uma nova imagem do “eu” corporal, desengonçado, cheio de espinhas, mudança de voz e conflitos. Nas meninas, este processo ocorre mais cedo, com modificações como o aparecimento dos seios, o afinamento da cintura e o alargamento dos quadris. Os hormônios, nesta fase, funcionam para ativar os diversos sistemas do organismo.

De qualquer maneira, é preciso assumir uma nova imagem corporal, preservando a anterior. As mudanças neste período da vida conduzem o indivíduo a adaptações rápidas, que nem sempre são fáceis de serem alcançadas. Um novo significado aparece com o crescimento: ser um homem ou uma mulher. Surgem questionamentos a respeito da vida,

da profissão a ser escolhida, enfim, sobre a escolha e a tomada de decisões dentro de uma miríade de opções e dúvidas.

Jung (1954) identifica quatro estágios no ciclo da vida humana: infância, juventude, maturidade e velhice. O famoso psicanalista compara o ciclo da vida à marcha do sol, do nascente ao poente. Na manhã da vida, correspondendo à infância e à juventude, a energia psíquica se dirige para o mundo, para conhecê-lo e assimilá-lo. Assim o sol nasce para iluminar o escuro da noite, a inconsciência. À medida que sobe do leste, no horizonte, amplia cada vez mais a consciência, mas ainda projeta muitas sombras. Alegoricamente, Jung diz que é natural que a criança e o jovem estejam voltados para a ação, para o ter, para o conseguir; os movimentos de progressão predominam sobre os de regressão. O ser jovem, vivendo “a sua manhã”, naturalmente se dirige para fora, projeta seu ego para o mundo.

Ainda para Jung, a transição da idade da adolescência para a idade adulta representa um novo “status” para o indivíduo. Experimenta o auge do vigor físico, das capacidades intelectuais, das agilidades e destrezas, da força e da resistência muscular, condições que o reforçam interna e socialmente, facilitando sua adaptação. Com o corpo adulto, uma série de aquisições é experimentada pelo indivíduo e se constitui no amadurecimento para a vida afetiva, profissional e social.

Na idade adulta o indivíduo vive o “sol da



tarde”, que faz incidir seus raios sobre sua outra face e sobre seu interior: ele passa então a buscar seu verdadeiro outro - o si mesmo - ou o self. Nesta fase se estrutura a personalidade como um todo. É o início da maturidade ou metanóia - mudança de maturidade. O indivíduo agora é um ser integrado. Nesta faixa etária já se notam mudanças físicas. Mudanças na elasticidade da pele, aparecimento de rugas, decréscimo da força, cabelos brancos, diminuição da acuidade visual. O amadurecimento e essas mudanças são sentidas de forma variável de indivíduo para indivíduo; dependem do estilo de vida de cada um. O tempo, porém, não pára e, mais cedo ou mais tarde, esses sinais aparecem em todas as pessoas. Nossos sistemas internos funcionarão

de maneira menos eficiente, com alterações metabólicas, diminuição da capacidade pulmonar, da produção hormonal, enrijecimento de cartilagens e artérias, diminuição das funções hepáticas, renais, etc...

Novamente o indivíduo passa por adaptações. Lehmans (1980) observa que envelhecer não é doença mas, quando ao declínio físico se acrescenta o balanço de uma vida mal suportada, um comportamento de desvalorização da auto-imagem vem sobrecarregar a expressão corporal.

O Corpo Velho ou Corpo da Idade

O envelhecimento tem sido uma constante preocupação do homem, em todos



os tempos. Na sociedade em que vivemos, o homem rejeita o envelhecimento, não se conformando com a sua evidência. A Terceira Idade desperta sentimentos negativos como a piedade, o medo e o constrangimento. Em nosso meio, ainda pobre e cheio de preconceitos, a tendência é o isolamento do idoso, não raro considerado inútil, um verdadeiro fardo.

A exagerada valorização do corpo jovem - resultado do apreço pela eficiência na produção e pela força física - contribui para a depreciação do corpo idoso. O "corpo ideal", o "modelo", precisa estar de acordo com os padrões pré-estabelecidos. O corpo do velho não se insere nesse padrão de beleza. O sentimento de incapacidade faz com que o velho sinta aversão ao próprio corpo.

A sociedade brasileira ainda não se adaptou às grandes mudanças ocorridas e o idoso ainda está longe de sentir-se integrado a tais mudanças. O que sente uma pessoa saudável e ativa, com idade superior a 65 anos, que se vê rejeitada? O que ocorre com sua psique, quais as repercussões no seu dia-a-dia?

Não resta dúvida de que a sociedade deve se preparar para modificar seu comportamento em relação ao idoso, valorizando-o, respeitando-o e procurando soluções objetivas para seus problemas. Para uma sociedade que se sustenta da produção e do consumo, das conquistas tecnológicas, como o idoso poderia ser inserido com dignidade e respeito? Antes mesmo da morte biológica, já lhe é decretada

a morte social. Aposentadorias compulsórias que arrancam o idoso de seu círculo de relações contra sua vontade, internamentos em asilos, inatividade social e abandono contribuem para isso.

Bruhns (1987), em seu texto "O Sábio Corpo Idoso", afirma que uma das formas de entender e aceitar melhor o corpo idoso e a própria velhice seria, talvez, conversar mais sobre ela com os próprios velhos. Importa desmistificar essa imagem negativa, pois há dentro de nós um pouco de criança, de adulto e de velho. Isso faz parte do homem, como ser social.

Canoas (1980) afirma que a idéia de velhice é impregnada de improdutividade. O velho é posto para admirar seu fim. Todos esses aspectos aliados às perdas de papéis sociais tais como, a aposentadoria, levam o indivíduo a rejeitar a sua própria idade e condição social. O corpo velho é o registro de uma história de vida, de maneira que cada indivíduo possui uma memória corporal. CODO e SENNE (1995) explicam que... "a luta pela reapropriação de si mesmo, implica um protesto contra o caráter alienante do trabalho, um passo a mais em direção à liberdade", nessa luta pela reapropriação de si mesmo todo o sistema estimula o corpo-consumo e proliferam métodos para emagrecer, cursos de relaxamento, ginástica alternativa, entre outros. "O corpo ideal" precisa estar dentro dos padrões preestabelecidos. O corpo do velho não se insere nesse padrão e



“... é preciso assumir uma nova imagem corporal, preservando a anterior. As mudanças neste período da vida conduzem o indivíduo a adaptações rápidas, que nem sempre são fáceis de serem alcançadas. Um novo significado aparece com o crescimento: ser um homem ou uma mulher. Surgem questionamentos a respeito da vida, da profissão a ser escolhida, enfim, sobre a escolha e a tomada de decisões dentro de uma miríade de opções e dúvidas.”



assim sendo o velho sente-se anulado em seus anseios e impotente para ser ativo na sociedade. O sentimento de incapacidade, faz com que o velho sinta aversão ao próprio corpo, pois o mesmo não é encarado como parte de um processo natural do envelhecimento.

Como estabelecer o equilíbrio para um envelhecimento sadio? O equilíbrio de uma mente sadia e produtiva, aliado a uma prática regular de atividades físicas, ao exercício da cidadania, a participação em grupos e instituições, ameniza o processo de envelhecimento de forma mais natural.

O prolongamento da expectativa de vida torna imprescindível manter-se mental e fisicamente ativo a fim de reduzir o ritmo de perdas e funções, contribuindo, portanto, para a independência e capacitação do idoso no desfrute, com qualidade, de seus anos de vida.

Talvez devêssemos observar a sábia cultura oriental, entre outras, que valoriza seus velhos, respeita e acata suas palavras como fonte de experiência e riqueza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASMAJIAN, J.V. Terapêutica por exercícios. 3. ed. São Paulo: Manole, 1980.
- BEAUVOIR, S. A Velhice. A realidade incomoda. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BORTZ, W.M. Viva mais de Cem Anos. Tradução por Paulo Froes. Rio de Janeiro, Record, 1995.
- BRANDÃO, C.R. O que é educação - 5. ed São Paulo, Brasiliense, 1981.
- BRUHNS, H. O sábio corpo idoso. Campinas: Unicamp, 1987.
- CHANGEUX, J.P. O homem neuronal. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- CHOPRA, D. Corpo sem idade, mente sem fronteiras. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CURSINO, M.A.F. Aspectos bio-psicossociais do envelhecimento. Programa Nacional de Treinamento de Pessoal de Nível Médio para Atuação na Área do Idoso, São Paulo, 1974/1978
- DAOLIO, J. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus, 1995.
- ERNOULT, J.P. & SOUBRANE, P. Les Activite's Physiques et Sportives. L'Experience de Grenoble. Paris, 1998.
- FAVRE, R. A importância do corpo na terceira Idade. São Paulo: SESC, 1996.
- FREIRE, J.B. Educação de corpo inteiro. 3. ed. São Paulo, Scipione, 1992.
- GAIARSA, J.A. Como enfrentar a velhice. Campinas: Ícone/Unicap, 1986.
- HILDEBRAND, K.J. Análise de programas sobre terceira idade em currículos de faculdades de



educação física do Estado de São Paulo, 1991. Monografia (Curso de Especialização em Educação Física do 3º Grau), Unicamp.

JUNG, G.G The development of personality. Tradução por F.F.C. Hull. Nova York: Bollingen Foundation, 1954.

KELEMAN, S. Anatomia emocional. São Paulo: Sumus, 1992.

LEHMANS, J.M. A psicomotricidade na gerontologia. Revista "La Psychomotricité", Paris, vol. 4, n. 3, p 105-117, 1980.

MAGALHÃES, N.D. O Idoso no brasil de hoje: diagnóstico e prognóstico preliminares Documento Técnico. Rio de Janeiro: SESC-DN, 2000.

PEREIRA, D. M. O envelhecer em São Paulo. Proposta Editorial P.M.S.P. Governo Popular, 1991.

SALGADO, M. A. Trabalho social com idosos, São Paulo: SESC, 1976. (Informativo Técnico, n.16).

SHOCK, N.W. Seminar on Biszey of Aging. Andrus Gerontology Center. University of Southern California – Summer, 1972.



Entrevista

Dom Paulo Evaristo Arns

Dom Paulo Evaristo Arns nasceu em 30/11/1921 em Forquilha, Craciúma/SC. É o quinto entre os 13 filhos de Gabriel Arns e Helena Steiner Arns, uma família de pequenos agricultores. É possuidor de um impressionante currículo de realizações nas áreas acadêmica, religiosa, política e social. Destacamos algumas delas. Doutourou-se em Letras pela Sorbonne com a tese “La technique du livre d’après Saint Jérôme. Fundou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bauru. Criou a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo. Recebeu, juntamente com Jimmy Carter, o título de Doutor Honoris Causa em Direito, da Universidade de Notre Dame. Colaborou para a edição do livro Brasil Nunca Mais, amplo relato sobre o uso institucionalizado da tortura durante o regime militar, que permaneceu por 91 semanas entre os 10 livros mais vendidos. Foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz em 1989. Recebeu em 1990 o prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, pelo livro Clamor do Povo pela Paz. Em 2001, foi agraciado com a Comenda “Ordem do Rio Branco”, condecoração do governo da República do Brasil. Nesta entrevista, Dom Paulo nos fala de política, religião, sexualidade, envelhecimento, morte e até de futebol, analisando a Seleção Brasileira e revelando sua paixão pelo Corinthians.



REVISTA - Dom Paulo, inicialmente gostaríamos que nos contasse um pouco da sua história, infância, adolescência...

DOM PAULO - Acabo de publicar um livro: Da Esperança à Utopia – Testemunho de uma Vida*. Como é que me prepararam? De fato, fui uma pessoa que não teve nenhuma especialidade na infância. Havia talvez umas 20 famílias que entraram na mata virgem do sul catarinense e papai foi o primeiro a derrubar uma árvore lá, construiu a casa e eu vivi próximo aos macacos. À noite passava quatro quilômetros pela mata virgem para ir a estação de trem buscar as coisas. Vivia assim dentro da natureza, e também num ambiente extremamente religioso. Não havia padre e nem visita de padre; mas havia dois professores formados pelos franciscanos, que nos comunicavam a Bíblia três horas por semana e duas horas de catecismo. Aos domingos eles reuniam toda a colônia. Não faltava ninguém. Mesmo com 40 graus de febre, apoiados ou carregados, todos iam para a devoção. Não tinha missa, tinha uma reunião chamada “devoção”. Era uma colônia que herdou a religiosidade de Mosela, território situado entre a França e a Alemanha. De lá trouxeram uma religiosidade muito firme. Não houve um divórcio sequer em todo o tempo de meu conhecimento daquele lugar. Tenho 80 anos. Nasci e fui um dos primeiros que ali nasceram. O nome do lugar chamado

é Forquilha.

REVISTA – Em Santa Catarina?

DOM PAULO – Sim. Município de Criciúma naquele tempo. Hoje é um município com 18 mil habitantes. Quando nasci, teria uns 30 habitantes e umas 30 crianças. Nasci no meio da natureza, no meio da religiosidade e no meio de uma família de 13 irmãos, vivos. Meus pais ainda aceitaram seis crianças órfãs de pai e mãe, e mais duas crianças que também perderam a mãe e o pai. Éramos 21 ao todo, crescendo juntos. Deles, quatro ficaram religiosas e dois tornaram-se padres.

REVISTA - O que o influenciou ou como o senhor descobriu sua vocação para a vida religiosa?

DOM PAULO - Minha vocação nasceu espontaneamente com a presença de um padre, que vinha a cada mês ou a cada dois meses. Quando era criança achava a vida de padre popular e muito importante para os colonos. Eu pensava: a coisa melhor na vida só pode ser me tornar padre também. Minha mãe era muito religiosa, o ambiente todo me favorecia. Nunca desanimei. Três vezes me pediram para que eu não fosse para o seminário, porque eu já tinha um irmão padre e três irmãs freiras. Queriam que eu ficasse para continuar o trabalho do meu pai, mas eu disse não.

* Da Esperança à Utopia – Testemunho de Uma Vida, Rio de Janeiro: Sextante, 2001. Livro autobiográfico de Dom Paulo, lançado em 14.09.2001, por ocasião dos 80 anos do autor.



REVISTA – Com que idade o senhor foi para o Seminário?

DOM PAULO - Fui com 12 anos. Me mandaram para fazer a 5ª e a 6ª séries, e para que eu não fosse para o seminário só porque meus irmãos foram. Então fui, mas fui porque quis. Apreendi algumas matérias de todo o ginásio dentro do primário, e durante dois anos fui o único aluno na 5ª e 6ª séries.

REVISTA – Em sua vasta experiência sacerdotal e de luta pelos direitos humanos, quais acontecimentos religiosos, políticos, sociais, artísticos, marcaram a sua vida, ficaram na sua memória e lhe trouxeram maior satisfação ou algum outro tipo de emoção?

DOM PAULO - Tive um privilégio que gostaria que todo mundo tivesse: estudei na universidade mais célebre naquela época, a Sorbonne de Paris, na França. Fiquei nela cinco anos, três para preparar o doutorado e 2 anos para escrever e defender minha tese. Quando saí da Sorbonne pensei que fosse ensinar. De fato ensinei durante três anos. Mas, quando me transferiram para Petrópolis, onde cheguei num sábado, no domingo de manhã me disseram: “O senhor vai para uma capela que atende a sete favelas”. Sete morros, como chamavam lá. Não podia chamar de favela porque ficavam ofendidos, eram morros. Quando cheguei fiquei tão impressionado com aquele povo, que eu subia os morros três vezes por semana: quinta, sábado e domingo. Ficava com as crianças para ver se todas iam

“Má distribuição da riqueza e falta de justiça social sempre existiram no Brasil. Desde a divisão do Brasil em capitâncias, quer dizer, donos de grandes propriedades que as alugavam para outros, até hoje nunca houve justiça social no Brasil.”

para a escola; para ver a saúde das pessoas; para ajudar a construir casas; para terem água encanada; para terem professores; e sobretudo uma vida mais humana. Fiquei lá dez anos e meio. Quando fui nomeado bispo para São Paulo saindo de lá, chorei e disse: “Nunca mais vou ser tão feliz como fui aqui”. Nunca assisti a uma briga. Bebi nos jogos do Fla-Flu. Eu andava pelos morros durante os jogos para evitar que bebessem tanto. O único vício que tinham era a bebida, outra droga não existia.

REVISTA – Em sua longa experiência em favor dos marginalizados, dos excluídos da sociedade, o senhor vê saída? Existe alguma esperança para a situação desesperadora que vivem hoje milhares de pessoas, sem terra, sem emprego, sem esperança?

DOM PAULO - Má distribuição da riqueza e falta de justiça social sempre existiram no Brasil. Desde a divisão do Brasil em capitâncias, quer dizer, donos de grandes propriedades que as alugavam para outros, até hoje nunca houve



justiça social no Brasil. Por isso devemos bater no peito e dizer: durante 500 anos fizemos os outros sofrerem e nós sofremos pouco. Quando vieram os imigrantes em 1828, os meus parentes por exemplo também foram presos num cercado de arame farpado. Eles embebedaram os policiais, cortaram o arame e fugiram para a montanha. Celebrei a missa dos 170 anos de imigração perto de Florianópolis, no lugar de onde fugiram e que se chamava Ilha do Desterro. De lá subiram até Teresópolis e para cima dos morros. Fui ver como todos sofreram naquele tempo. Hoje o povo está mais consciente do que não pode continuar. Se o governo não der um jeito, e se os ricos não se convencerem de que os operários devem ganhar mais e ter a sua remuneração ajustada às reais necessidades das famílias, então o povo brasileiro vai explodir. É preciso fazer justiça social agora, porque chegou a hora em que velhinhos e crianças, ambas as pontas da vida, reclamam contra aqueles que estão no centro, que somos nós.

REVISTA – E em relação aos sem-terra, como o senhor vê a situação deles?

DOM PAULO - Digo que é um pecado que alguém no Brasil esteja sem terra. Estive no começo deste ano com o Presidente da República, e sentado ao seu lado na mesa disse para ele: “Onde o senhor falhou foi na divisão da terra”.

REVISTA - Na reforma agrária.

DOM PAULO – Sim, na reforma agrária, porque

o Brasil é um país agropecuário. E continuei falando ao Presidente: “É por isso que lutam pela terra. Eles têm razão. O senhor deve ajudá-los”. Ele me disse: “Vou aproveitar o último ano para fazer isso, com todo o coração e também com toda a generosidade”. Mas ele não fez.

REVISTA - E sobre o Movimento dos Sem Terra, o que o senhor acha?

DOM PAULO - A igreja sempre apoiou e sempre vai apoiá-los, enquanto não houver justiça e melhor distribuição da terra.

REVISTA - A que o senhor atribui esse aumento alarmante da violência, principalmente nas grandes cidades? E qual é sua opinião sobre a questão: o ser humano é naturalmente violento ou é a sociedade que o faz assim?

DOM PAULO - As duas coisas. São Paulo apóstolo diz que temos três partes: corpo, alma e espírito. Nosso corpo é animal, nossa alma é espiritual. Dentro de nós tem uma força divina que nos faz aspirar o bem e identificar o que é o mal. Qualquer selvagem, qualquer pessoa desenvolvida pode normalmente descobrir a violência dentro de si; pode evitá-la e pode também fazer com que ela tenha a sua explosão numa guerra, numa revolução ou matando pessoas, fazendo com que a sua natureza se volte mais para a destruição do que para o bem. Tenho certeza de que são ondas que passam pelo mundo, ondas de guerra, de paz, de violência, ondas



“O SESC faz um trabalho lindo. Já tive a oportunidade de falar para um grupo de idosos do SESC. Fiquei entusiasmado, eles têm ocupação durante todo o dia, podem se encontrar, se divertir, se tratar etc. É melhor ainda quando podemos ajudar as pessoas de idade avançada a descobrir e fazer aquilo que elas ainda podem fazer em benefício de outras pessoas”.



de mais colaboração e de mais solidariedade. Tenho a certeza de que se houver emprego para todos, o que é uma obrigação, se houver terra e comida suficientes, além do respeito a todas as pessoas, isso tudo vai acabar. Vivi dez anos e meio em Petrópolis com gente muito pobre; mas eles tinham o que comer, o que vestir e como se defender da chuva e do frio. Afirmo que não houve uma só vez ondas de violência nos dez anos e meio de morros; e não vai haver se houver justiça social no Brasil. A justiça social é a base de toda a convivência humana.

REVISTA - Como o senhor se sentiu no ato ecumênico em homenagem ao jornalista Vladimir Herzog em 1975? E qual é sua análise, depois de tantos anos, sobre aqueles dias que o Brasil viveu?

DOM PAULO - Não foram os dias mais impressionantes da minha vida, mas foram certamente muito impressionantes. Às duas horas da tarde eu me preparava para ir para a catedral. O governador Paulo Egydio, que tinha recebido Geisel na sua casa, mandou dois emissários: o Chefe da Casa Civil e o Secretário da Fazenda, para me convencerem a não ir. Porque se eu fosse também seria culpado por todas as mortes que ocorressem na praça. Perguntei o porquê, e eles me disseram: "Porque a polícia está espalhada por todos os lugares e, a qualquer grito ou movimento, eles têm ordem para atirar". Aí eu disse: "O povo não pode nem abrir a boca para gritar e vocês se arrogam o direito de matar? Vou acusar cada um que matar, por-

que em cada janela da praça nós colocamos fotógrafos e eles estão fotografando e filmando todo mundo. Quem atirar vai ser identificado e vou me responsabilizar para que ele receba o castigo justo. Quero que vocês transmitam isso ao Presidente da República e ao Governador do Estado". Fui para a catedral cheio de indignação mas cheguei cheio de ternura para com o povo judeu e para com aquele judeu por quem celebraríamos um ato ecumênico. Foi o primeiro ato ecumênico importante celebrado na catedral de São Paulo. Antes havíamos celebrado a Santa Missa para um estudante morto, Alexandre Vanucchi Leme, que era católico praticante e tinha três tias freiras e um tio padre. No ato ecumênico fizemos tudo para que os judeus se sentissem à vontade. Na noite anterior cinco rabinos vieram a minha casa para me convencer a não fazer o ato ecumênico. Consegui convencer o Sobel a comparecer e contar uma história apropriada ao momento. Consegui convencer o Jaime Wright, um grande amigo presbiteriano, a falar também. Guardo esse momento para toda a minha vida.

REVISTA – Ainda sobre os judeus, como o senhor vê as acusações feitas à Igreja Católica de ter aceito, ou não ter se posicionado ante a perseguição nazista aos judeus? O senhor concorda que ela aconteceu realmente? Qual foi a posição do Vaticano na época? Enfim, o que o senhor pode nos dizer a respeito?

DOM PAULO - O cristianismo muitas vezes falhou quanto aos judeus, baseado nos evange-



lhos que sempre mostram Jesus Cristo combatendo a hipocrisia dos fariseus e saduceus, que oprimiam o povo, arrancavam dele o dinheiro para satisfazer questões particulares, e para se mostrar e aparecer como os justos, os importantes. Então o povo cristão, desde a Bíblia até aos dias do nazismo, sempre fomentou uma certa aversão ao povo judeu como tal, embora em muitos lugares eles se entendessem e lutassem juntos. O hitlerismo foi o maior crime contra a humanidade.

REVISTA - O holocausto?

DOM PAULO – Foi uma grande humilhação para a humanidade esse esforço de fazer desaparecer mais da metade dos judeus que existiam na Alemanha. Eu acho que foi o maior crime que se cometeu contra a humanidade, junto com o que estão cometendo agora a América do Norte e os povos do Oriente, uns derrubando as torres e matando três mil e os outros matando milhares de pessoas no Afeganistão. É uma guerra injusta, porque um crime não se vinga com outro crime. É o que os americanos fizeram e continuam imaginando que devam fazer. Está nos jornais de hoje que o presidente Bush ainda quer enfrentar os países do Oriente, porque acredita estar lá o ninho de todo o terrorismo. Não é verdade. Recebi embaixadas daqueles países na minha casa, me convidando para falar sobre a religião católica, sobre Jesus, sobre as comunidades de base, sobre os evangelhos; para falar justamente nesses países que

“É um pecado que alguém no Brasil esteja sem terra. Estive no começo deste ano com o Presidente da República, e sentado ao seu lado na mesa disse para ele: ‘Onde o senhor falhou foi na divisão da terra’. Ele me disse: ‘Vou aproveitar o último ano para fazer isso, com todo o coração e também com toda a generosidade’. Mas ele não fez.



a América do Norte persegue. Quanto ao Iraque, por exemplo, na igreja de Santo Antonio, da via Tuscolana, onde sou pároco em Roma, residiam quatro freiras, religiosas do Iraque. Elas me disseram: “Nunca fomos tão bem tratadas como sob esse regime daí”. Os americanos fazem com que o mundo inteiro odeie a todos, inclusive os que não são maus. Todos os povos são como nós, podem errar, podem se exaltar e podem ter uma ditadura; nós estamos numa democracia, mas também já tivemos ditaduras terríveis e piores do que as deles. Então não temos o direito de desmoralizar esses povos. Acho que devemos respeitar os judeus como nossos antepassados. Sempre digo: são os meus antepassados. Meu pai dizia a mesma coisa para mim: “Eles são nossos antepassados, porque eles nos legaram o Antigo Testamento, aí veio Jesus para fazer o Novo Testamento”.



REVISTA – Como o senhor vê a atual política de Israel em relação aos palestinos?

DOM PAULO - Ela é abominável! É realmente abominável fazer a vingança contra qualquer ato. Por outro lado, chegou o momento de os palestinos compreenderem que não é com violência que se vai dividir o país. O país tem que ser dividido em duas partes: uma judaica, outra palestina; e as duas partes têm que viver em paz, uma ao lado da outra e sem os Estados Unidos tomarem as iniciativas em lugar deles.

REVISTA - Dom Paulo, estamos a um passo das eleições no Brasil. O que o senhor espera do próximo governo?

DOM PAULO - Apesar dos governos ditatoriais, Getúlio dominou durante 15 “breves” anos, como ele dizia; apesar de muita gente estar enganando e roubando o povo; apesar da passagem para uma democracia não muito segura; apesar de tudo isso, tenho a certeza de que o Brasil vai criar raízes fortes para o futuro; de que a nova geração vai poder dizer: “Quando éramos jovens havia violência. Agora chegou o tempo de todos nos favorecermos do trabalho em conjunto”.

REVISTA - Qual é sua expectativa em relação a um eventual governo Lula?

DOM PAULO - Acho que o Lula pode fazer um bom governo, sem dúvida alguma. Não afirmo que vou votar nele. Não confesso e nunca digo

o meu voto. Mas posso dizer que ele esteve na minha casa, sozinho, já sabendo que era candidato; e nós dois combinamos inteiramente em muitas idéias. Acho que tanto o candidato do governo, quanto o Lula são candidatos que podem levar o Brasil para a frente.

REVISTA - Como está a Igreja Católica hoje no Brasil e no mundo? O que o senhor acha do papel dos líderes religiosos carismáticos? O que é o movimento de renovação carismática? Existem, hoje, verdadeiros líderes carismáticos?

DOM PAULO - Foi bom acrescentar a palavra “hoje”, porque São Paulo no capítulo 12 e 13 da epístola aos Coríntios fala dos carismas, e que os carismas são autênticos, quer dizer, existem verdadeiros carismáticos, pessoas que sabem convencer, que sabem curar. Minha mãe, por exemplo, era uma pessoa carismática. Não tínhamos médico na região e ela era sempre chamada quando alguém apresentava, por exemplo, uma inflamação nos pulmões ou qualquer coisa assim; ela era chamada, aproveitava todas as plantas que havia por lá e rezava junto, fazia com que todos tivessem confiança e esperança. Era uma líder popular. O líder é aquele que, além de saber usar os meios materiais, sabe também comunicar a esperança, do contrário não é um líder; é, quem sabe, um enganador do povo. O verdadeiro líder sabe realmente despertar uma força que é tão importante quanto qualquer remédio do mundo, e que também supere o efeito do próprio remédio.



REVISTA – O que o senhor acha do padre Marcelo Rossi?

DOM PAULO - O padre Marcelo Rossi é um líder um pouco diferente dos outros. Ele tem uma liderança de fato, porque sem liderança ninguém reúne 30 a 50 mil pessoas. É bobagem negar sua liderança como padre, todo padre tem liderança. Agora, ele deveria levar o povo a tomar mais iniciativa, a ser o agente do próprio desenvolvimento. Ele deixa o povo se divertir muito dentro da parte religiosa. Acho que deveria fazer com que o povo tomasse a história na mão, como disse a Assembléia de Medellin, em 1968, e fosse para a frente; que a juventude que o segue soubesse que isso não deve durar só dois ou três anos, deve durar a vida inteira e dar um sentido novo à nossa existência.

REVISTA - Como o senhor vê a proliferação das igrejas evangélicas e suas atuais lideranças religiosas, principalmente as televisivas?

DOM PAULO - Sou profundamente ecumênico, ou seja, sempre trabalhei com os protestantes, até um ramo da família da minha mãe é protestante e nos entendemos muito bem. Posso afirmar que o rabino Sobel é meu amigo; os presbiterianos são meus amigos; os metodistas me deram até o doutorado honoris causa de sua Universidade como recompensa pelo que fiz em favor deles. Acho que devemos nos unir no trabalho. Para tanto, três são os pontos

“O cristianismo muitas vezes falhou quanto aos judeus, baseado nos evangelhos que sempre mostram Jesus Cristo combatendo a hipocrisia dos fariseus e saduceus, que oprimiam o povo e arrancavam seu dinheiro. Então o povo cristão, desde a Bíblia até aos dias do nazismo, sempre fomentou uma certa aversão ao povo judeu”.

fundamentais: o primeiro, nunca falar mal dos protestantes. O segundo é trabalhar junto com eles para o bem, por exemplo, das pessoas doentes, dos pobres, das crianças abandonadas etc. Tenho uma irmã, Zilda Arns, que trabalha ecumenicamente com todos. Muitas coordenadoras do seu trabalho – a hoje bem conhecida Pastoral da Criança - são de outras religiões, de outras crenças, e são tratadas do mesmo jeito e animadas da mesma forma. O terceiro ponto importante é o de manter um conceito elevado de todos aqueles que se fundamentam no Evangelho e procuram fazer bem ao povo. Quem não ama o povo não tem religiosidade verdadeira. Devemos dizer: “espera um pouco, vamos impedir isso sem violência; vamos denunciar os que exploram o povo e fazem com que muitos, por ingenuidade, entreguem dinheiro, bens, tantas coisas a esses pastores



que lhes fazem um grande mal". Fazem um grande bem aqueles que levam o povo a se unir em torno das boas causas.

REVISTA - Como o senhor vê a questão da aposentadoria, da velhice e do envelhecimento no Brasil? E a situação dos idosos brasileiros?

DOM PAULO – Ainda hoje fui interrogado sobre isso: "Quanto o senhor ganha?" Eu disse: "Como bispo aposentado, paguei a Previdência durante 35 anos e estou ganhando em torno de 800 reais". Naturalmente acho isso uma injustiça para quem escreveu mais de 50 livros e trabalhou dia e noite pelas crianças e pelos doentes, sem nunca pedir recompensa, e que sempre contribuiu para o caixa da nação. Mas tem outros ganhando três ou quatro vezes menos do que eu. Como eles vão viver? Como vão comprar remédios? Como vão se sustentar e manter uma certa dignidade para dizer: "O Brasil é a minha pátria"? Naturalmente todos gostamos que o Brasil faça um gol, ganhe a Copa, mesmo aqueles que ganham pouco. O idoso brasileiro ainda não recebeu da nação o respeito que merece. Mas em todo caso acho que o brasileiro não tem ainda o sentido do tempo; não descobriu a capacidade do idoso; não demonstra ainda o devido respeito por aquilo que foi feito, para o que pode fazer, para o que está fazendo ou que deve ainda fazer para a geração que vive agora e a que virá depois de nós. Ainda hoje, continuo a falar duas vezes por dia em rádio, a escrever introduções de livros e artigos, a visitar doentes, a celebrar

todos os dias a Santa Missa. Ajudo a cuidar de 650 doentes pobres no Hospital Geriátrico do Jaçanã. O que se faz ainda não é o suficiente. O idoso precisa viver com dignidade e de maneira a poder dizer: "Valeu a pena trabalhar pelo Brasil". É uma conclusão que todo idoso deveria poder tirar: "trabalhei pelo Brasil e valeu a pena, porque o Brasil reconhece o meu trabalho".

REVISTA - Dom Paulo, o senhor fundou uma casa para religiosos aposentados e bem idosos? Como aconteceu?

DOM PAULO - Não só fundei a casa, mas desde o primeiro dia de meu governo pensei nos padres que não guardaram dinheiro para o futuro, nem recolheram para a aposentadoria. Tive a idéia de construir uma casa para eles. Um dia ganhei 250 mil reais, quando ajudei a salvar a vida de uma pessoa. Então alguém da família, por gratidão, me deu esse dinheiro, porque era muito rica e dona de muitos imóveis. Com o dinheiro pensei: "Chegou a hora". Quando o projeto estava pronto, perguntei ao arquiteto: "Quanto o senhor acha que vai custar essa casa, bem mobiliada e onde todos os padres possam ter um enfermeiro ou enfermeira e viver com tranqüilidade?" Ele disse: "Talvez um milhão de dólares". Eu disse: "Não tenho nem um dólar". Três semanas depois ajudei a salvar a vida de uma pessoa que todos vocês conhecem.

REVISTA – O Senhor pode nos dizer quem?



DOM PAULO – O dono do “Pão de Açúcar”.

REVISTA - Ah, o Abílio Diniz? Naquele seqüestro...?

DOM PAULO – Sim. Ele mesmo não deu nada. O pai dele, Valentim, era meu grande amigo, veio à minha casa, me abraçou chorando porque eu tinha salvo a vida do filho dele, e disse: “Tem alguma coisa que o senhor está construindo e para isso precise de dinheiro?” Eu respondi: “Estou sonhando a vida inteira em construir uma casa para os padres idosos que não guardaram dinheiro para o futuro; nunca exigiram nada dos outros e trabalharam de graça a vida inteira. Quero fazer uma casa para eles”. Aí ele disse: “Então vou dar uns 200 mil dólares para o senhor”. Com isso fiz a fundação e o primeiro andar. Depois pedi aos bispos da Alemanha, da Inglaterra, da Holanda, e a pessoas amigas de uma porção de países. Todos me ajudaram e terminamos a casa sem deixar dívida. Ela está funcionando hoje para padres idosos e para professores de novos padres, que também ensinam de graça, ou ganhando o mínimo. Vivem juntos nela duas gerações, a dos padres que se formaram há pouco em Roma, na Bélgica, nos Estados Unidos ou em outros lugares, e que são os professores dos futuros padres, e os velhinhos. Esses padres idosos e aposentados vivem juntos com padres mais jovens para não ficarem só na tristeza e nas lembranças do passado, para que recebam também notícias e idéias novas, civilidade, cidadania, etc...

“Ela (a política de Israel) é abominável! É realmente abominável fazer vingança contra qualquer ato. Por

outro lado, chegou o momento de os palestinos compreenderem que não é com violência que se vai dividir o país. O país tem que ser dividido em duas partes: uma judaica, outra palestina; e as duas partes têm que viver em paz”.

REVISTA - Onde fica a casa?

DOM PAULO - A casa chama-se “Casa São Paulo” e fica na rua Xavier de Almeida, bairro do Ipiranga, na cidade de São Paulo, ao lado do seminário maior, que ensina teologia e forma os padres. Os últimos sete anos os futuros padres passam estudando naquele seminário. Os professores que não têm moradia fora moram na Casa São Paulo junto com os padres antigos, ocupando o último andar. Agora a casa já possui elevador. Os velhinhos moram no primeiro, segundo e terceiro andares.

REVISTA - Já que estamos falando sobre padres, como o senhor vê a questão do celibato? Ele deve ser obrigatório?

DOM PAULO - Sou contra a obrigatoriedade.



Sou a favor de um celibato opcional. Eu, por exemplo, nunca desejei me casar, porque acho que quem casa precisa cuidar da família, e a minha família é o povo. Passo o dia inteiro fora, estou sempre andando. Enquanto fui bispo, durante 32 anos, precisava estar inteiramente livre para o povo. Como padre ia para os morros etc, e também não podia cuidar de família. Então minha família sempre foi realmente o povão, sobretudo as crianças e os doentes. Aos domingos, quando padre, ia para o hospital visitar as enfermarias onde estavam os doentes pobres. No Hospital Santa Catarina diziam: “Dá para marcar no relógio quando chega o frei Evaristo” (meu nome religioso). Depois quando fiquei bispo adotei de novo o meu nome de batismo, Paulo, antes de Evaristo. Então quando eu passava pelos quartos dos doentes pobres, todos eles gritavam: “Frei Evaristo, olha aqui, eu também estou doente”.

REVISTA – Dom Paulo, então quanto ao celibato o senhor é favorável a que a decisão seja dos padres? Acha que isso ainda pode acontecer na Igreja Católica?

DOM PAULO - Até o ano 1000 era assim, então acho que é possível de novo. O atual papa não quer que a gente discuta esse ponto. Ele é polonês, é firme, quer as coisas assim como elas são, não quer mudar. No entanto, pode chegar um novo papa e reintroduzir o opcional que existiu até o ano 1000.

REVISTA – Na sua opinião, a onda de denún-

cias de perversidades sexuais com crianças, pedofilia, realizadas por padres, é procedente? Seriam esses procedimentos decorrentes de uma sexualidade reprimida, de proibições, do celibato?

DOM PAULO - Pensei muito sobre isso, porque antes de ser bispo vivi a vida inteira formando padres. Analisei muito este assunto e posso dizer que a investigação feita pelo jornal A Folha de São Paulo dá conta que 91% das crianças sofrem mais na família do que fora dela. A família é que precisa se renovar e nós podemos ajudar a proporcionar outro ambiente psicológico para a mãe não ficar tão nervosa, para o pai não abusar da criança, para o irmão mais velho não agredir a irmã mais nova e assim por diante. Acho que há muito mais violência dentro de casa do que dentro da igreja. A imprensa aproveitou a questão da pedofilia, que é manchete, para explorar o tema dentro da Igreja. Olhei em dois dicionários e observei uma coisa muito curiosa: o primeiro é um dicionário comum que todo mundo consulta, e diz que pedofilia é amor à criança; o outro dicionário, publicado agora e bem mais grosso, diz que pedofilia é ato sexual com a criança. Veja, a própria mentalidade dos cientistas mudou. Devemos afirmar que pedofilia é amor a uma criança pobre para que ela possa se desenvolver, se realizar na vida, isto sim. Abusar sexualmente de uma criança é a coisa mais abominável que existe, e tem que ser abolida de qualquer jeito. Os padres sempre vão ser



humanos, e, como tais, pecadores comuns. Tive a sorte de poder trabalhar com crianças, gostar de todas ao mesmo tempo e sempre trabalhar muito, de maneira que nunca tive esse tipo de tentação. Espero que essa onda atual também passe, pois são tão poucos os padres que caem nessa tentação, comparados aos 400 mil sacerdotes que existem no mundo, e que são firmes, trabalhando e se dedicando ao bem do povo com muito amor, e amor autêntico.

REVISTA - Voltando à questão dos idosos, o senhor acha que a fé, a oração, a religiosidade enfim ajudam na velhice a se ter uma relação melhor com a morte?

DOM PAULO - De fato senti isso na minha própria vida. Quando mais moço, nunca tinha pensado propriamente na morte. Sofri vários desastres, onde quebrei a perna, o pé, machuquei muito a cabeça, perdi parte do ouvido, parte da vista etc. Mesmo assim nunca pensei na morte, que era para mim uma coisa distante. Hoje eu penso muitas vezes nela. Penso com amor, que essas coisas incômodas da Terra vão acabar, que não posso mais fazer tudo como gostaria de fazer. Por exemplo, escrevi mais de 50 livros, mas é difícil escrever agora um livro que seja original, que satisfaça totalmente. Mesmo escrevendo todos os dias, falando duas vezes por dia em rádio, sinto que não sou mais o mesmo. Então chega um momento em que a gente pensa: "Tá bom Deus, já chega. Pode me chamar, porque lá em cima é muito me-

"O padre Marcelo Rossi é um líder um pouco diferente dos outros. Ele tem uma liderança de fato, porque sem liderança ninguém reúne 50 mil pessoas. É bobagem negar sua liderança como padre, todo padre tem liderança. Agora, ele deveria levar o povo a tomar mais iniciativa, a ser o agente do próprio desenvolvimento. Ele deixa o povo se divertir muito dentro da parte religiosa. Acho que deveria fazer com que o povo tomasse a história na mão."

lhor do que aqui". João XXIII dizia: "Os meus amigos na eternidade estão dizendo: 'Venha Joãozinho, aqui está muito mais bonito do que aí embaixo'".

REVISTA - Dom Paulo, o senhor falou em crianças, adolescentes, adultos e idosos. Como o senhor vê o relacionamento entre as gerações? Existe ou não conflitos?

DOM PAULO - Acho que este é um tema muito sério e que não está sendo tratado com a devida profundidade pelos psicólogos, psiquiatras e pedagogos. Hoje não só as gerações não se entendem, também as pessoas em geral não estão se entendendo, cada pessoa está cuidando apenas de si. Lá no Hospital do Jaçanã,



onde ajudo a cuidar dos 650 velhinhos, por exemplo, perguntei no dia de Natal: “Quem de vocês recebeu visita de parentes neste ano?” Dez apenas levantaram o braço. Então concluo que tem alguma coisa errada. Preciso trabalhar e fazer alguma coisa nesse sentido.

REVISTA – Apenas dez! É impressionante!

DOM PAULO - É impressionante acontecer isso num bairro, que fica a apenas 15 km do centro da cidade de São Paulo. Hoje descobri mais um lugar que posso conhecer e ajudar alguns velhinhos, uma dúzia de velhinhos. Vou visitar para ver o que fazem para sobreviver, porque é uma casa nova que está se abrindo. Existe, portanto, uma certa preocupação da sociedade em cuidar dos velhinhos, mas ainda é muito pouco. O que elogio e acho muito bonito são as iniciativas e trabalhos de algumas organizações em favor dos idosos. A propósito, o SESC faz um trabalho lindo. Já tive a oportunidade de falar para um grupo de idosos do SESC. Fiquei entusiasmado, eles têm ocupação durante todo o dia, podem se encontrar, se divertir, se tratar etc. É melhor ainda quando podemos ajudar as pessoas de idade avançada a descobrir e fazer aquilo que elas ainda podem fazer em benefício de outras pessoas.

REVISTA - O SESC tem incentivado o trabalho voluntário de idosos para com outros idosos e com crianças...

DOM PAULO – Acho esse trabalho de fundamental importância. Durante muito tempo guardei todo o dinheiro que sobrava para criar no futuro uma instituição de velhinhos ao lado ou perto de uma instituição para crianças. Isso para que os velhinhos pudessem estar com elas e dizer: “Este é meu afilhado, este é meu filho adotivo, etc”

REVISTA - Uma aproximação de gerações...?

DOM PAULO – Sim, a aproximação de gerações é muito importante; é gratificante fazer isso, e fazer com muita dignidade, com muita seriedade, para que o velhinho ajude de fato a criança a progredir na existência.

REVISTA - E o seu lazer, Dom Paulo?

DOM PAULO - O lazer que me satisfaz é a leitura.

REVISTA - Que tipo de leitura?

DOM PAULO - Leio em alemão, em inglês, em espanhol, em latim ou em francês como leio em português. Quando tenho um tempo livre, vou para os livros que tenho amontoados para ler; leio ainda as revistas que ganho da Alemanha, da Inglaterra, da França, que recebia no tempo em que estudei lá, da Espanha, da Itália... porque tive a sorte de conhecer todas essas línguas.

REVISTA - Que tipo de leitura o senhor prefere, clássicos, literatura, ficção?



DOM PAULO - Gostava muito de ficção quando era jovem, li muita ficção em diversas línguas e foi assim que aprendi as línguas. Hoje gosto mais de reflexão sobre temas atuais. Sempre estou lendo três ou quatro livros ao mesmo tempo, além das revistas. Infelizmente elas estão se amontoando, por causa da agenda apertada. Mas, consigo reservar um dia inteiro por semana para ler. Saio Domingo, após a missa da manhã e vou para um lugar onde ninguém me distraia e onde não tenha telefone. Aí passo o dia todo lendo, tomando notas, fazendo fichas etc. Acho que a gente não deve ler só por prazer, mas também para ter sempre um material novo e uma nova motivação para viver e ver diferentemente as coisas.

REVISTA - Encerrando a nossa conversa e já que estamos em clima de Copa do Mundo, o senhor gosta de futebol?

DOM PAULO - Ah, sou corintiano até o fundo da alma! Enquanto estive no Rio era Flamengo, porque os meus sete morros, as sete favelas eram flamenguistas. E era flamenguista também para ajudar aquele povo a não beber muito. No próximo domingo eu torço pelo Brasil contra a Alemanha.

REVISTA - Qual é o seu palpite para o jogo de Brasil e Alemanha?

DOM PAULO - Acho que a Alemanha não

“Sou profundamente ecumênico, ou seja, sempre trabalhei com os protestantes, até um ramo da

família da minha mãe é protestante e nos entendemos muito bem. Posso afirmar que o rabino Sobel é meu amigo; os presbiterianos são meus amigos; os metodistas me deram até o doutorado honoris causa de sua Universidade como recompensa pelo que fiz em favor deles.”

agüenta o Brasil; seus jogadores são muito lentos. A nossa seleção, se tiver entusiasmo, essa é uma condição: não tem alemão que segure um brasileiro!

REVISTA - O senhor arrisca um palpite?

DOM PAULO - Dois a zero para o Brasil, no mínimo, se o nosso pessoal acordar direito. Eles não podem jogar lento, porque senão farão o jogo dos outros; os alemães são lentos, mas organizados e com uma boa defesa, então para ganhar é preciso ser rápido. Nós temos um bom ataque.

(obs: Esta entrevista foi realizada 3 dias antes do jogo final da Copa entre Brasil e Alemanha. O resultado de 2X0 deu ao Brasil o título de penta campeão



mundial de futebol, no dia 30/06/2002)

REVISTA – O senhor gostaria de fazer mais algum comentário?

DOM PAULO - Fico muito grato ao SESC, que está fazendo um trabalho muito bom. Gostei demais dos artigos das revistas do SESC, com que fui presenteado.

“Acho que o Lula pode fazer um bom governo, sem dúvida alguma. Não afirmo que vou votar nele. Não confesso e nunca digo o meu voto. Mas posso dizer que ele esteve na minha casa, sozinho, já sabendo que era candidato; e nós dois combinamos inteiramente em muitas idéias. Acho que tanto o candidato do governo, quanto o Lula são candidatos que podem levar o Brasil para a frente”.



“O idoso brasileiro ainda não recebeu da nação o respeito que merece. Acho que o brasileiro não descobriu a capacidade do idoso; não



demonstra ainda o devido respeito por aquilo que foi feito, para o que pode fazer, para o que está fazendo ou que deve ainda fazer para a geração que vive agora e a que virá depois de nós”.



CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO 1999-2002

Presidente

Abram Szajman

Efetivos

Antonio Funari Filho

Cícero Bueno Brandão Júnior

Eduardo Vampré do Nascimento

Eládio Arroyo Martins

Fernando Soranz

Ivo Dall'acqua Júnior

José Maria de Faria

José Santino de Lira Filho

José Serapião Júnior

Luciano Figliolia

Manuel Henrique Farias Ramos

Orlando Rodrigues

Paulo Fernandes Lucânia

Valdir Aparecido dos Santos

Wallace Garroux Sampaio

Suplentes

Amadeu Castanheira

Arnaldo José Pieralini

Henrique Paulo Marquesin

Israel Guinsburg

Jair Toledo

João Herrera Martins

Jorge Sarhan Salomão

José Kalicki

José Maria Saes Rosa

Mariza Medeiros Scaranci

Mauro Zukerman

Rafik Hussein Saab

Vagner Jorge

Representantes do Conselho

Regional Junto ao Conselho Nacional

Efetivos

Abram Szajman

Euclides Carli

Raul Cocito

Suplentes

Aldo Minchillo

Manoel José Vieira de Moraes

Ubirajara Celso do Amaral Guimarães

Diretor do Departamento Regional

Danilo Santos de Miranda

SESC
SÃO PAULO

O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 26 unidades, disseminadas pela Capital e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia, turismo social e cinema.



SESC
www.sescsp.org.br
0800-118220